

**RICHARD SIMONETTI**



**TEMAS  
DE HOJE  
PROBLEMAS  
DE SEMPRE**



**TEMAS DE HOJE PROBLEMAS DE SEMPRE**  
**RICHARD SIMONETTI**

3ª Edição (1ª de "Edições Correio Fraternal") Do 1º ao 5º milheiro Dezembro





## INDICE

Arroz e feijão .....	9
Os temas de Allan Kardec .....	11
O velho triângulo .....	14
Amor livre .....	U
Para definir o futuro ..... ■ .....	20
Motivação.....	22
Engano de perspectiva .....	25
Higiene mental .....	27
A verdadeira importância.....	30
Fragilidade da fé .....	32
Uma outra jovem.....	34
Filhos adotivos .....	37
Hereditariedade psicológica.....	3f
Hereditariedade Física .....	41
Exemplo inesquecível .....	43
A coragem de continuar .....	45
Evangelho no Lar .....	48
Como enfrentar a esfinge.....	51
Paulo e a mediunidade .....	54
Portas fechadas.....	57
Curas espirituais.....	60
Barreiras da mediunidade .....	62
Sintonia mediúnica.....	65
Desajuste mediúnico .....	68

Contradição .....	71
Problemas de adaptação .....	73
Além das nuvens .....	75
Positivo, negativo .....	78
A fórmula ideal .....	81
Responsabilidade dividida .....	84
Abençoado recomeço .....	87
Comunhão com Deus .....	89
Religião Espírita .....	91
A revolução definitiva .....	93
O mesmo engano .....	97
Enganosa solução .....	100
Testemunho diferente .....	104
Pernicioso condicionamento .....	107
O problema da violência .....	110
A verdade de cada um .....	113
O mais importante .....	116

## Arroz e feijão

A multiplicação dos livros de crônicas e mensagens, no meio espírita, destacando-se os de psicografia mediúnic, tem merecido críticas de alguns confrades. Entendem eles que obras assim não oferecem nenhuma contribuição marcante, por serem repetitivas, detendo-se quase sempre em preceitos de ordem moral, numa linguagem melíflua.

Não há que se negar a importância de iniciativas mais avançadas, particularmente as que representem um empenho no sentido de extrapolação dos princípios doutrinários para outros ramos de conhecimento.

Profissionais espíritas de todas as categorias, destacando-se os de nível universitário, na medida em que revelem vocação para a literatura, são convocados a esse esforço, a fim de oferecerem uma visão espírita do Direito, da Medicina, da Sociologia, da Psiquiatria, da Astronomia e outras, favorecendo a integração da Doutrina Espírita no processo histórico e motivando melhor o leitor, por atingi-lo no setor de atividades em que está situado.

Devemos reconhecer, entretanto, que a necessidade premente nos tempos atuais não é de extrapolação e, sim, de conscientização. Precisamos muito, mais do Espiritismo sentido e vivido por seus adeptos do que do Espiritismo divulgado, porquanto somente assim ficará demonstrada de forma incontestável e envolvente a excelência de suas lições, com garantia e preservação de seus ideais na edificação de um estilo novo de vida na Terra.

Temos aí as razões da proliferação daquele tipo de literatura, onde identificamos a preocupação do Plano Espiritual no sentido de estimular a vivência espírita apresentando-se como uma espécie de feijão-com-arroz, que pode ser desprezado pelos de paladar mais apurado, além de constituir o estilo de literatura adequado para estes tempos de agitação, quando os volumes massudos e sofisticados tendem a transformar-se em simples enfeites de biblioteca.

Estribado nestas considerações, oferecemos ao leitor estas páginas, em que procuramos efetuar uma abordagem espírita, em torno de assuntos atuais, que por suas implicações, sempre constituíram motivo de preocupação e não raro de perplexidade para os homens de todos os tempos.

Sem o têmpero requintado dos mestres e com as limitações do aprendiz, dar-nos-emos por feliz se o nosso feijão-com-arroz puder oferecer substância para os que têm fome de esclarecimento e conforto.

Bauru, junho de 1975.

O AUTOR

## Os temas de Allan Kardec

Se tratássemos de definir o comportamento do homem comum em três palavras que exprimissem suas tendências mais fortes, poderíamos falar em *prazer, conforto e riqueza*.

Poucas pessoas inspiram-se em motivações mais nobres, vivendo em função de eternidade, isto é, cuidando do aprimoramento moral, intelectual e espiritual, com vistas à vida que segue adiante, além do túmulo e muito além das limitações da Terra.

Por exceção marcante situaríamos Allan Kardec cujas tendências, a evidenciem sua elevada posição espiritual e sua condição especial de missionário, poderiam ser resumidas na máxima que ele próprio situou como o roteiro da ação espírita em favor de Um mundo melhor: “TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA”

O primeiro tema enseja considerações especiais. Neste mundo de inversão de valores, em que vivemos, uma das ilusões mais arraigadas no Homem, causa principal de grande número de suas aflições e males, é a de confundir felicidade com inatividade; paz de espírito com ausência de responsabilidade. O estudante vibra com a chegada das férias escolares; o operário aguarda ansiosamente o fim de semana, o feriado, as férias anuais e, por extensão, a própria aposentadoria, considerada por muitos como o estágio ideal, em que, garantido o sustento diário, se sentem plenamente eximidos de qualquer esforço.

Por paradoxal que pareça, pessoas há que se desdobram em múltiplas atividades, buscando alcançar no menor prazo possível uma condição financeira que lhes possibilite a felicidade de não fazer nada.

Tão arraigada está essa ideia no espírito humano, que a própria escatologia das religiões ortodoxas nos apresenta o Céu como uma região de beatitude, onde as Almas eleitas «c compra- zem no descanso eterno.

Num Universo dinâmico, onde tudo vibra em sinfonia de movimento e progresso, desde as formas rudimentares de vida às mais altas expressões de espiritualidade, eis o Homem, situado no mais alto estágio da evolução biológica, querendo subverter a ordem natural, confundindo a estagnação da indiferença com a felicidade. O fato de esse comportamento constituir-se numa aberração diante do dinamismo que vibra na Criação nos permite compreender o porquê de sua crônica infelicidade — ele vive descompassado em relação à Vida, como alguém a dançar fora de ritmo.

Kardec levanta-se, diariamente, às 4,30 da madrugada, empenhando-se com todo o ardor em suas atividades, desde o tempo em que exercia as funções de professor e pedagogo. Manteve esse padrão na codificação da Doutrina Espírita, consciente das enormes responsabilidades que pesavam sobre seus ombros e da exiguidade de tempo para a gigantesca tarefa que lhe competia realizar. E encontrava no trabalho o estímulo sempre renovado para seguir adiante em sua missão, sobrepondo-se às perseguições e ataques com que o velho misoneísmo humano cerca as ideias novas.

O segundo tema é a solidariedade. Caráter universalista, empenhado com os problemas que envolvem o progresso e a felicidade do Homem, o Codificador cedo concluiu que os males que afligem a Humanidade são resultantes exclusivamente do egoísmo. A eterna preocupação com o próprio bem-estar é a grande fonte geradora de desatinos e paixões desajustantes.

A máxima “Fora da Caridade não há salvação”, divulgada insistentemente por Kardec, é a bandeira da Doutrina Espírita na luta contra o egoísmo. A solidariedade é a caridade em ação, a caridade consciente responsável, atuante, empreendedora...

Juridicamente, os participantes de uma sociedade são solidários quando respondem em idênticas proporções por lucros ou prejuízos que valorizem ou onerem os bens patrimoniais. Espiritualmente, somos todos solidários diante dos patrimônios da Vida e colhemos alegrias ou sofrimentos, de conformidade com nossa contribuição. Os males que afetam a coletividade, em virtude de

nossas faltas ou omissões, atingem nossa economia espiritual em particular, situando-nos em clima de desarmonia. Da mesma forma, nosso esforço em favor do bem-estar alheio, por menor que seja, renderá juros altos de alegria e paz.

A tolerância é o terceiro tema. Trata-se da arte de aceitar as pessoas como elas são, e, conseqüentemente, revelar os males que porventura venham a causar-nos. Cada criatura está numa faixa de evolução. Não podemos exigir das pessoas mais do que podem dar. E ninguém é intrinsecamente mau. Somos todos filhos de Deus.

É interessante destacar que em qualquer relacionamento humano as pessoas tendem a comportar-se da maneira como as vemos. Identificar pequenas virtudes é uma forma de desenvolvê-las. Estar sempre a apontar mazelas e imperfeições è simplesmente exacerbá-las...

A obra de Kardec é profundamente marcada pela tolerância, particularmente em questões religiosas, advindo daí sua recomendação para que os espíritas não se preocupem em fazer proselitismo. E revela seu comportamento, em face dos ataques e críticas: “Quando me sobrevinha uma decepção ou contrariedade qualquer, eu me elevava, pelo pensamento, acima da Humanidade e me colocava antecipadamente na região dos Espíritos; desse modo, desse ponto culminante, as misérias da vida deslizavam sobre mim sem me atingirem. Tão habitual se me tornara esse modo de proceder que os gritos dos maus jamais me atingiram”.

Ante as responsabilidades resultantes do conhecimento da Doutrina Espírita, que nos convida a superar a temática de vulgaridade e imediatismo que caracteriza o comportamento humano, em larga maioria, a máxima vivida por Kardec apresenta-se como roteiro abençoado de uma ação espírita consciente, capaz de esclarecer e edificar os corações com a forma irresistível do exemplo.

## O velho triângulo

A jovem inconsequente apaixona-se perdidamente pelo rapaz e percebe que é correspondida. No entanto, ele è casado e, até conhecê-la, sempre vivera relativamente bem com a esposa e três filhos. Cedendo à mútua atração, estabelecem uma ligação extraconjugal. Mas, embora empolgados pelo domínio das sensações, não são felizes. Uma sombra de permanente intranquilidade, misto de consciência torturada, temores e incertezas os perturba. Quanto à esposa traída, embora desconheça a situação, percebe que o marido se distancia da comunhão afetiva. Suas perplexidades, somadas ao comportamento indisciplinado do chefe da casa, afetam o ambiente do lar, com larga soma de prejuízos para os filhos.

\*

Temos aqui o chamado triângulo amoroso, tantas vezes repetido na Terra, fruto exclusivo das tendências à poligamia que ainda caracterizam o comportamento humano.

Situados muito mais próximo da animalidade do que da angelitude; motivadas muito mais pela satisfação do próprio ego que por impulsos de afetividade, as criaturas humanas tendem a ver em representantes do sexo oposto uma oportunidade sempre renovada de auto-afirmação, seja na troca de olhar, o flerte, seja na conversa fortuita, cultuadas as emoções da conquista, seja nas experiências do sexo. Somente uma minoria de Espíritos mais



amadurecidos consegue superar o instinto, centralizando-se num relacionamento duradouro, autêntico e sem desvios.

Dizem os psicólogos que há uma espécie de atração química que se pode estabelecer ao primeiro contato entre um homem e uma mulher, independente de estarem ou não vinculados a outro compromisso afetivo. É o que chamam o “toque do sino”, o despertar da atração por alguém.

Sob o ponto de vista espírita, diríamos que, ao reencarnarmos, não voltamos à Terra assim como quem deixa a família e parte para experiências em região distante. Normalmente, familiares, amigos e até inimigos nos acompanham, de vez que compomos grupos que caminham juntos na estrada do aprimoramento espiritual. São personagens de um mesmo drama — a Evolução — que trocam de vestes para novos papéis no cenário terrestre.

Velhos parceiros de experiências afetivas, inspiradas nos desvios do sexo, reencontram-se ligados pelos laços da consanguinidade: pai e filho, irmão e irmã, mãe e filho... A própria natureza do novo relacionamento impõe sublimação, e a paixão, o desejo de posse, são trabalhos no cadinho purificador do lar, para que surja o amor legítimo e puro.

Poderá ocorrer, também, que o reencontro se dê fora do lar, como o de estranhos que se vissem pela primeira vez e instintivamente sentissem mútua atração.

Muitos acabam traíndo compromissos matrimoniais e partem para perigosas aventuras. Conhecemos companheiros espíritas que justificam semelhante comportamento, proclamando: “Tenho grande apreço pela esposa e amo profundamente os filhos, mas a outra é minha “alma gêmea”. Reencontrei-a e não posso viver sem ela.”

Além de desertores, cometem a desfaçatez de distorcerem princípios espíritas para justificar seus desatinos.

O Espiritismo é bastante claro ao demonstrar que o reencontro de afeiçoados e desafetos do passado, no lar ou fora dele, não se apresenta jamais como apelo irresistível à inconstância e, sim, como oportunidade renovada de buscarmos nossa edificação espiritual, seja perdendo ao inimigo de ontem, seja envergando um irmão ou uma irmã em representante do sexo oposto por quem sintamos atração, sempre que a vida nos houver situado em outro compromisso afetivo.

Nesta circunstância, impõe-se com veemência a necessidade daquele “orai e vigiai” recomendado por Jesus. Sempre que o homem ou a mulher não resistem ao apelo do passado e partem para ligações extraconjugais, fugindo do dever, forma-se um clima de perturbação que gera sofrimento e desequilíbrio para todas as

peças envolvidas. Lembrando ainda Jesus, dessa situação os responsáveis não sairão sem “choro e ranger de dentes”. Hoje tecem teias de sedução e prazer em que se deleitam. Amanhã, entretanto, reconhecerão desolados que apenas embarçaram o fio do Destino.

## Amor livre

Um dos temas em evidência, na atualidade, è o amor livre, a união entre o homem e a mulher, sem nenhum vínculo sério, sem compromissos em relação ao futuro e, conseqüentemente, sem cogitar de matrimônio e filhos.

Embora alguns espíritos mais lúcidos, dentre os que debatem o assunto, demonstrem o perigo de abolir-se o instituto da Família, selado pelo compromisso do casamento, há uma forte tendência, particularmente nas grandes cidades, para o cultivo do amo' livre. Dir-se-ia com mais propriedade sexo livre, já que somente a busca de sensações, na promiscuidade sexual sem responsabilidade, poderia justificar semelhante pretensão.

Na questão n? 695, de “O Livro dos Espíritos”, interroga Allan Kardec: “O casamento, ou seja, a união permanente entre dois seres é contrária às leis da Natureza?”

Resposta: “É um progresso na marcha da Humanidade.”

Na questão seguinte interroga o Codificador: “Qual seria o efeito da abolição do casamento na sociedade humana?”

Resposta: “O retorno à vida animal”.

E Kardec comenta que a união livre e fortuita dos sexos pertence ao estado de Natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso das sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora nas mais diversas condições. E acentua: “A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e coloca-

ria o Homem abaixo mesmo de alguns animais que lhe dão exemplo de uniões constantes.”

Todo anseio mal orientado de liberdade, ainda que pretendendo inspirar-se em nobres ideais, acaba por levar à manifestação de impulsos primitivos da personalidade humana. O amor livre é uma tentativa de retorno à poligamia, estágio superado da Evolução.

O verdadeiro amor jamais cogita da própria liberdade, pois realiza-se na felicidade do ser amado, em permanente doação. O casamento é um compromisso que lhe dá significado e objetivo. É o supremo crédito de confiança no outro; é a certeza que tem alguém na sua capacidade de fazer feliz a outro alguém.

Ainda que estas considerações pareçam simples poesia, distanciada da realidade; ainda que para muitos os compromissos matrimoniais representem apenas lutas, problemas, dificuldades e sofrimentos, devemos lembrar que o instituto da Família, selado pelo casamento, é a escola onde fazemos nossa iniciação nos domínios do Bem e da Virtude.

A comunhão fraterna que se estabelece entre o homem e a mulher que se decidem a enfrentar a vida juntos, ensaiando afeto e desprendimento, levando-os a conjugar o verbo de suas ações não mais na primeira pessoa do singular (eu), mas na primeira do plural (nós)...

O misterioso e sublime amor que brota, espontâneo, em seus corações, ao receberem nos braços um filho, tornando-os capazes de todos os sacrifícios para dar-lhe sustento e garantir-lhe a vida...

Todos esses valores, reunidos na bênção do matrimônio que transforma as paredes frias de uma casa em acolhedor lar, representam uma fecundação do Espírito para as realizações mais nobres, acelerando sua jornada evolutiva.

Podem surgir no reduto doméstico a dissensão e a amargura, o tédio e a mágoa, inspirando nos cônjuges a ideia de que sua ligação teria sido um lamentável engano, estimulando os menos avisados a procurarem a própria satisfação nos domínios do amor livre.

É preciso considerar, entretanto, que a grande maioria dos casamentos tem ascendentes espirituais e raízes no passado. As almas reunidas no lar para as experiências em comum são velhos conhecidos...

Companheiros de delinquência, inimigos, desafetos, vítima e verdugo, devedor e credor, são expressões usadas para definir as causas geradoras das situações do presente. Apresentam-se, na verdade, por pálidas indicações de inenarráveis tragédias e escu-

ros dramas passionais ocorridos no pretérito, a determinarem o reencontro das personagens no lar para o necessário reajuste. E toda fuga representará sempre transferência do compromisso para o futuro, em regime de débito agravado.

E os que tiveram seus lares desfeitos, não obstante os reiterados esforços para manterem a integridade familiar? Será lícito procurarem nova experiência?

E por que não? A comunhão afetiva é alimento para a Alma é preciso estímulo para árduas jornadas do Mundo. Assim como acontece em outros países, chegará o tempo em que o Brasil terá o divórcio, favorecendo corações lesados, com a bênção de novas esperanças.

É importante considerar, todavia, que toda experiência nos domínios do sexo, sem responsabilidade, sem antecipação do amor leal e sincero estabelecendo vínculos sérios com vistas a uma vida em comum, será sempre o retorno às tendências da humanidade, gerando intranquilidade e desequilíbrio.

Em qualquer relacionamento humano, particularmente nos domínios do sexo, se esperamos alegria e paz, é preciso que o amor venha primeiro.

## Para definir o futuro

Milhões de pessoas, no Mundo inteiro, procuram, todas as manhãs, em jornais e emissoras de rádio, saber se o dia lhes será favorável e quais os acontecimentos em que poderão estar envolvidas.

A informação é prestada pela Astrologia, ciência segundo a qual cada indivíduo está sujeito a determinadas influências astrais, de conformidade com a posição das estrelas e planetas, no instante de seu nascimento.

Na realidade, trata-se de uma pseudociência, explorada, geralmente, por charlatães que abusam da credence popular. Estes “cientistas” criam os mais fantasiosos sistemas de interpretação astrológica e estabelecem combinações que dão margem a variados prognósticos, de uma forma tão complexa que qualquer falha, poderá ser prontamente atribuída a erro de interpretação ou engano na coleta dos elementos de análise.

É espantoso observar até onde vai a credulidade humana. Muita gente não toma iniciativa alguma, em negócios, diversões ou questões sentimentais, sem antes consultar o seu horóscopo.

Às vezes dá certo. Mas é muito fácil preparar um horóscopo com afirmações assim: “Evite atritos no ambiente doméstico: as influências astrais não são boas. Cultive com carinho as amizades; visite os amigos e poderá ter uma agradável surpresa. Cuidado com os negócios; deixe decisões importantes para amanhã. Sua saúde permanecerá boa, se evitar excessos.”

Usando generalizações, não è difícil entusiasmar milhares de pessoas situadas em determinado signo. Em dez previsões acertaremos pelo menos cinco e alcançaremos grande fama, se houver boa divulgação.

Também no terreno psíquico muitos médiuns, à semelhança dos astrólogos, exploram os eternos preocupados com a “sorte”, revelando um futuro onde há, às vezes, algo de real, mas há, principalmente, muito de tolice.

É natural, já que os médiuns que se dedicam a esse tipo de trabalho ou são muito ignorantes e confundem-se com frequência, ou são muito inteligentes e tratam de suprir lacunas nas perspectivas pressentidas; usando a imaginação. Isso sem falar dos charlatães legítimos que iludem descaradamente consulentes ingênuos.

Infelizmente, no próprio meio espírita muitos estimam esse tipo de consulta, recusando-se a ver no Espiritismo uma revelação transcendente que oferece uma visão mais ampla da Vida, preferindo situá-lo por variante da Astrologia.

Deveriam compreender que o futuro não é traçado de forma rígida. Não há um determinismo absoluto em relação à vida humana, a não ser o da Morte. Quanto ao mais, tudo é passível de alteração, de conformidade com o nosso comportamento, até mesmo a hora de partirmos para além-túmulo.

Por isso, ninguém melhor que nós mesmos, para definir o que nos espera, amanhã. Basta que observemos nossas ações e tendências, porque a Vida sempre nos dará no futuro, o que lhe damos no presente.

E isso não é novidade. Há dois mil anos Jesus definiu o problema ao proclamar: “A cada um segundo suas obras.”

## Motivação

Em reduzido grupo íntimo, numa sessão de estudos doutrinários e prática mediúnica, alguém sugere que se fale do carnaval. Acendem-se os ânimos. Empolgam-se defensores e críticos, apresentando opiniões contraditórias.

— É uma festa perniciosa — comenta o senhor Cerqueira velho estudioso do Espiritismo. E acentua: — O número de acidentes e de mortos registrado nesses dias, somado aos dramas passionais, jovens seduzidas, remorsos desajustantes e as monumentais ressacas que não raro disparam complicadas moléstias, seriam mais que suficientes para justificar a proibição dessa autêntica loucura coletiva.

— Ora, ora, não exageremos — responde um dos companheiros. Afinal, é uma festa do povo, em que as tensões acumuladas durante o ano se desintegram ante a alegria contagiante dos corações.

Mas, Cerqueira emenda rápido:

— Você diria melhor, alegria artificial das libações alcoólicas, porquanto sem a anestesia da consciência pela bebida, raros se aventurariam a participar do reinado de Momo. Quanto ao pretenso “alívio das tensões”, há um preço muito alto que o folião paga, além do tremendo desgaste físico: é o envolvimento com entidades das sombras. O ambiente dessas festividades é profundamente desajustado, com a presença de Espíritos viciados que chegam a promover perigosas obsessões. Muitos jovens fazem sua iniciação nas lamentáveis aventuras' com tóxicos nesses



dias de exaltação dos sentidos, em que são facilmente envolvidos pelas sugestões das sombras.

— Se o senhor me permite — interrompe outro defensor do carnaval — não podemos esquecer a questão sintonia. Se eu entro num salão momístico apenas para distração, sem alcoólicos, sem intenções libidinosas, guardando respeito e compostura, jamais serei envolvido pelo desequilíbrio do ambiente.

— Sim — rebate Cerqueira — mas, com semelhante comportamento, duvido que se disponha a participar, já que o carnaval é a consagração da inconsequência, diante da qual é quase impossível manter o equilíbrio.

Várias opiniões foram emitidas pelos presentes, dividindo-se as tendências, até, que, terminado o tempo reservado aos estudos, o dirigente da reunião convidou os companheiros à concentração, ensejando-se a palavra dos amigos espirituais. Pela psicofonia mediúnica manifesta-se Celino, dedicado orientador do grupo, que após os cumprimentos habituais, fala:

— Apreciamos o interesse de todos pelo assunto. Toda troca de ideias efetuada com respeito pelo interlocutor e espírito de aprendizado é sempre proveitosa. Devemos considerar, entretanto, que, em base de simples argumentação, sempre conseguiremos justificar, perante nós mesmos, qualquer comportamento, seja o adultério, a violência, a injúria, a mentira, a guerra e também o carnaval. Cada indivíduo permanece em determinado estágio de evolução e tenderá a racionalizar ou ajustar as circunstâncias e as ideias em torno do que considera suas necessidades essenciais como ser humano. Por isso, muito mais importante que as discussões em torno do que deve ou não fazer é o nosso empenho no sentido de nos ajustarmos aos padrões éticos do Evangelho, que exprimem, em síntese, o comportamento mais adequado. Na medida em que a Boa-Nova comandar nossa vida, saberemos o que fazer, participando das atividades sociais apenas quando elas puderem fazer parte de nosso empenho em favor de um Mundo melhor. Aquele que hoje defende a legitimidade de sua participação em festas mundanas é livre para escolher suas próprias experiências. Mas, na medida em que se integrar na vivência evangélica e se empolgar por seus ideais, fatalmente terá outras motivações. Então seu interesse será o de aproveitar melhor as folgas desses dias, seja emprestando seu concurso numa entidade socorrista, seja compondo uma equipe de trabalho que atenda a famílias necessitadas, seja participando de grupos de estudo em torno de problemas comunitários, sociais ou doutrinários... Essas iniciativas lhe permitirão, de uma forma muito mais eficiente, superar tensões, sem os riscos da inconsequência, e desfrutar de alegria autêntica, sem dramas de consciência e sem ressacas na quarta-feira.

Ante a pausa mais longa, um dos ouvintes comenta:

— Suas palavras, irmão Celino, são sempre judiciosas. Vivendo o espírito do Evangelho, certamente teremos motivações mais nobres. Todavia, como efetuar essa substituição de valores? De minha parte, confesso que ainda estou muito preso às festas mundanas, particularmente o carnaval...

— O problema — explica o orientador — é de seleção e iniciação. Usando a inteligência, devemos escolher as experiências que realmente interessam à nossa economia espiritual, como seres eternos, em aprendizado na Terra. Isto feito, é partir para a atividade em torno dessas experiências. Dentre elas, o Evangelho é a mais nobre e proveitosa, porquanto temos em suas lições o caminho de nossa integração na Vida. É a chave de nossa comunhão com Deus. Mas, antes que o Evangelho se torne a coisa mais importante de nossas vidas, é preciso que nos importemos um pouco com ele. Antes que o Evangelho nos inspire atividades mais proveitosas que o carnaval, é preciso que nos disponhamos à iniciação em torno delas. Por isso, não basta trocar ideias. Toda discussão envolvendo problemas de comportamento não modificará de um centímetro nossas tendências, enquanto não partirmos para o campo decidido da ação. Se o Evangelho é o guia de nossas vidas, não percam tempo discutindo se devemos ou não participar dos festejos de Momo. Quem desejar, que o faça, considerado o clima de liberdade que a Doutrina Espírita oferece aos seus adeptos, mas busquemos o Cristo hoje, praticando o bem que ele recomendou, para compreendermos depois que nenhuma festa da Terra tem condições para oferecer as flores de alegria que colhemos, as bênçãos de conforto, paz e esperança que felicitam nosso coração, quando estendemos as mãos aos nossos irmãos, servindo sempre, em plenitude de vivência evangélica.

Despede-se Celino, deixando aos amigos da Terra um novo estímulo para que selecionem suas experiências e façam sua iniciação em busca do melhor.

## Engano de perspectiva

Vasto é o contingente de pessoas que se sentem extremamente infelizes, em virtude de contrariedades que lhes parecem intoleráveis, roubando-lhes a vontade de viver. Afinal, o que significa o termo *contrariedade*?

O dicionário define: “Oposição à nossa vontade.” Pretendemos ir ao cinema, mas uma chuva violenta prende-nos em casa; queremos ter saúde e nos persegue a enfermidade; buscamos uma situação melhor e somos acompanhados por eternas dificuldades; desejamos determinado comportamento da parte do familiar e ele faz diferente.

Todavia, sentirmo-nos contrariados, em se tratando de acontecimentos banais, demonstra lamentável ausência de compreensão e auto-domínio; e, em relação a males e situações difíceis que surgem, revela perigosa contradição, porquanto, quase sempre, o que consideramos verdadeira tragédia é apenas o cumprimento do que nós mesmos pedimos, ao reencarnar, por ensejo de edificação e progresso.

O rapaz sente fortes dores no estômago e, porque a chapa radiográfica acuse a existência de incômoda úlcera, clama, extremamente nervoso: “Ó meu Deus, mais essa para complicar minha vida!” Todavia, ele mesmo escolhera aquele “espinho na carne”, que deveria ajudá-lo a vencer tendências para o álcool, herdadas de viciação cultivada em existência anterior.

Um casal luta com aperturas financeiras para manter três filhos. Diante de uma nova gravidez da mulher, o marido explode: “Isto é uma desgraça!” Perturbados, ambos chegam a cogitar do aborto, crime que lhes comprometerá o futuro. No entanto, segundo sua própria opção na Vida Espiritual, deveriam receber não apenas quatro, mas seis Espíritos no lar, materializados na carne, filhos que deveriam encaminhar no roteiro do 3em. E as dificuldades materiais, cuja extensão exageram, têm por objetivo mantê-los na disciplina do trabalho e do sacrifício, sem desvios ocorridos em experiências passadas, quando estagiaram na fartura.

Outro casal ama extremamente o único filho de 12 anos e o perde em trágico acidente. Desesperaram-se marido e mulher até quase à loucura. Recusando voltar à normalidade, alimentam-se, durante largo tempo, de amarguras e queixas, cultivando a volúpia de sofrer. No entanto, a desencarnação prematura não foi obra do acaso. E onde estaria a Providência Divina, se tal ocorresse? Na realidade, ele viera para ficar com os pais até aquela idade, obedecendo a imperativos de resgate e reajuste.

O que ocorre no presente, marcando de forma mais acentuada a existência, não é apenas consequência do que fizemos no pretérito, mas, também, o cumprimento de planos cuidadosamente elaborados na Espiritualidade.

Não vivemos ao sabor de forças cegas. Por isso, tão absurdo é caminhar pelas estradas da Vida com a contrariedade estampada no rosto, quanto o fato de nos irritarmos porque um credor veio cobrar nossa dívida no dia que nós mesmos marcamos.

## Higiene mental

Neologismo, define o dicionário, é uma palavra nova ou uma palavra velha com significado novo. Neste segundo caso situa-se a palavra “fossa”, tradicionalmente a cavidade subterrânea onde são jogados detritos. Hoje é usada também para definir um estado de ânimo. É comum alguém dizer: “Estou numa fossa tremenda”, como o que está revelando que se sente profundamente infeliz, deprimido, angustiado.

O significado é novo, mas os sentimentos que esse neologismo exprime são muito velhos. Acompanham o Homem desde sempre. Com raras exceções, todos estamos sempre às voltas com tristezas e mágoas, nascidas de causas várias: vida difícil e agitada, provações morais e privações materiais; conflitos de convivência familiar, influências espirituais...

Fundamentalmente, o que nos atira à “fossa” não são as circunstâncias citadas e, sim, a nossa atitude interior. É o que está dentro de nós e não o que ocorre exteriormente que nos faz mal. Na verdade, somente somos afetados pelo que vem de fora quando não possuímos valores íntimos que garantam nossa estabilidade emocional.

Se, por exemplo, estivéssemos na iminência de uma guerra atômica, capaz de promover o aniquilamento de toda a raça humana, muita gente se apavoraria, e o medo é um gerador terrível de tensões desajustantes que nos precipitam em “fossas” medonhas.

Haveria, contudo, os que conservariam a serenidade. Seriam aqueles que tivessem uma certeza inabalável da existência e Providência de Deus e da sobrevivência da Alma. Estes raciocinariam com lógica: “Se tudo fôr destruído, continuaremos a viver. Somos eternos. E Deus não nos deixará ao desamparo. Se não houver condições na Terra, o Senhor nos dará outro lugar para morarmos. O Universo é infinito.”

Quando os soldados de Ciro, o Grande, estavam prestes a invadir a cidade de Priene, na Jônia, a população preparava-se para a fuga. Homens e mulheres, moços e velhos atropelavam-se, em desespero, tentando salvar seus pertences mais valiosos.

Um homem apenas mantinha-se calmo. Era o filósofo Bias, famoso por seus dotes de cultura, moral e virtude. Tão ponderado e íntegro que foi considerado um dos sete sábios da antiga Grécia.

Quando lhe perguntaram qual a carga que deveria levar, ele respondeu, tranquilo: “Eu trago tudo comigo.”

Guardava o nobre cidadão seus patrimônios inalienáveis de retidão, bondade e inteligência, que ninguém lhe roubaria. E eram esses valores que lhe permitiam colocar-se acima das inquietações daquela hora e das preocupações com efêmeros bens humanos.

Chamaríamos de higiene mental a atividade destinada a fortalecer nosso ânimo, conservando-nos equilibrados e tranquilos. Da mesma forma como o indivíduo se banha e veste roupa limpa, cultivando o asseio, nossa mente deve passar todos os dias por esse processo de limpeza, em que podemos fazer uso de múltiplos recursos: a oração contrita e pura, que garante suprimentos de energias renovadas; a boa música, de acordes suaves e envolventes; a leitura sadia, com temática de nobres valores morais; a conversação fraterna, com abordagem de assuntos construtivos; o filme cinematográfico ou o programa de televisão que tragam mensagem edificante; a visita ao campo; o cultivo de flores; o cuidado do lar...

Essencialmente, essa limpeza deve ser fruto do esforço por disciplinarmos nossos pensamentos e ações, combatendo sistematicamente as chamadas arestas de nossa personalidade, aquilo que contraria os mais elementares padrões de ética e estética.

Eticamente, seria o esforço por eliminarmos o desculpismo, que nos leva sempre a dizer: “Sim, cometi esta ou aquela falta, fui grosseiro ou indelicado, resvalei para o vício ou para a licenciosidade porque ainda sou muito fraco e meus problemas são tantos...” Somente somos dominados por nossas tendências inferiores na medida em que nos rendemos a elas. Acima de tudo deve prevalecer nossa condição de filhos de Deus e a responsabilidade de agirmos como tais, criados que fomos para a Virtude e o Bem.

Esteticamente, seria o empenho no sentido de mudarmos nossa maneira de encarar a Vida, olhando-a com otimismo e confiança, reconhecendo na jornada humana uma experiência valiosa no caminho da Evolução, uma aventura magnífica que tanto melhor aproveitaremos quanto maior a nossa disposição em cultivar a alegria e a esperança, a bondade e a compreensão. Parafraseando o Sermão da Montanha, diríamos: Bem-aventurados os que sorriem para a Vida, porque para eles jamais a Vida parecerá triste.

## A verdadeira importância

O orgulho e o egoísmo, estes dois sentimentos perniciosos, próprios do estágio evolutivo em que nos encontramos, a inspirarem a tendência de analisarmos as situações pelo prisma de nossas satisfações e interesses pessoais, criam as desigualdades sociais.

O médico de vasta clientela rica olha com desprezo para o operário mal vestido que o procura no luxuoso consultório; o juiz famoso recebe apressado e distraído o serviçal da limpeza pública, que vem pedir sua orientação para um problema pessoal; o rico empresário recusa-se a considerar a possibilidade de empréstimo para o comerciante que deseja instalar uma banca de jornais e livros.

Os problemas que dificultam o relacionamento dos primeiros com os segundos não são simplesmente de apresentação, tempo ou confiança mas, essencialmente, de orgulho e egoísmo, que geram a falsa impressão de que alguém é mais importante que seus semelhantes, em face de sua posição social, sua cultura ou seu dinheiro.

Falsa, porque, observada a questão em seu aspecto prático, de contribuição em favor da sociedade, seria muito difícil considerar mais importante o médico do que o operário. Se o médico sustenta a saúde da comunidade, o operário produz os bens de consumo que garantem a vida comunitária...

Será mais importante o juiz que dispensa justiça do que o servidor que faz a coleta do lixo? Ah ! abençoado funcionário da limpeza pública! Como conceber a vida urbana sem o seu concurso?!...

Será mais importante o empresário que o vendedor de livros e jornais? Se aquele promove o progresso material de uma coletividade, este lhe enriquece o espírito com os valores da cultura e da informação...

Num relógio, os ponteiros são importantes. Mostram as horas. Mas, serão mais importantes do que a máquina que os movimenta, escondida sob o mostrador? E neste delicado mecanismo, composto de centenas de minúsculas peças, qual a principal? Difícil responder, já que a falta de qualquer uma delas prejudicará o funcionamento do relógio.

Numa cidade, administradores, líderes e autoridades são os ponteiros...

Mas, o que faria o prefeito sem o funcionalismo público ou sem a força que movimenta a máquina administrativa, representada pela arrecadação de impostos, da qual participam direta ou indiretamente todos os munícipes?...

Que faria o líder religioso sem a colaboração dos fieis em seu trabalho social, sustentando até mesmo sua vocação de orientar, com os valores da aceitação?...

Poderia o chefe de polícia garantir a ordem sem o apoio do soldado humilde que se coloca a seu serviço?...

Por isso, em qualquer agrupamento social, *todos são importantes*, desde que exercendo atividade útil.

Houve tempo em que o Homem era considerado segundo seus títulos de nobreza. Desfrutava atenção e respeito, ainda que seu comportamento fosse irresponsável e vicioso, desde que possuísse brasões e tradição de família.

Hoje isso não significa nada, mas o Homem ainda é medido pela posição social que consegue galgar, firmada em dinheiro e poder, mesmo que tripudiando sobre direitos alheios, transformada a sociedade numa autêntica selva, onde triunfam os mais duros e espertos.

Dia virá em que o Homem será considerado unicamente pelo seu empenho em honrar a atividade que escolheu com os valores da dedicação e da honestidade, dando o máximo de si mesmo em favor do progresso e do bem-estar da comunidade.

Então prevalecerá uma única desigualdade — a do merecimento — a determinar que receba maior soma de bênçãos da Vida aquele que mais a enriquecer, fazendo sempre o melhor, seja o governador de uma comunidade ou seu mais humilde serviçal da limpeza.

## Fragilidade da fé

*“És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?”* Emissários de João Batista a Jesus. (Mateus, 11 ; 3).

A dúvida de João Batista é surpreendente, pois ele próprio apresenta Jesus, às margens do rio Jordão, como o mensageiro divino. Presenciara, inclusive, curioso fenômeno mediúnico, tomado à conta de manifestação do Espírito Santo, quando uma pomba desceu sobre Jesus, enquanto uma voz ecoava dos céus: “Este é o meu Filho bem-amado, em Quem me deleito.”

Talvez possamos compreender esta contradição, observando as pregações do Precursor. Dizia ele: “Raça de víboras, quem vos preveniu que fugissem da cólera vindoura?” Ainda: “O machado já está posto à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo.” Finalmente: “Ele traz a pá e limpará completamente a leira; recolherá o seu trigo no celeiro e queimará a palha em fogo inextinguível.”

Observa-se claramente que João imbuído do espírito da raça, esperava, talvez, alguém que viesse libertar o povo judeu, conduzindo-o à sua gloriosa destinação. Poderia ser até um grande guerreiro, que reuniria as tribos de Israel e expulsaria o dominador romano. Ainda que assim não fosse, contava pelo menos com um novo Moisés, capaz de agir com braço forte, impondo seus princípios, castigando os maus e premiando os

bons.

O comportamento de Jesus, a sua mansidão e humildade, sua convivência com pecadores e publicanos, terão chocado profundamente João, ainda mais pelo fato de que ele era um profeta do tipo tradicional: austero, rigoroso e inflexível diante das pessoas de má vida.

Não obstante sua condição de espírito sincero, reto e digno, não conseguiu superar as limitações da época, de forma a compreender que Jesus não era simplesmente um novo profeta e que sua missão transcendia as arraigadas ambições de Israel.

O Senhor inaugurava um estilo novo de vida, fazendo a iniciação humana nos domínios do Amor, que se manifesta nos valores da compreensão e do respeito, do perdão e da tolerância, derrubando barreiras de nacionalidade, raça e crença, para estabelecer o reinado da fraternidade legítima na Terra.

Para tão grandiosa realização não podia dividir os homens em bons e maus, como João, e dizer: “Este para o Reino, aquele para o fogo.”

Por isso Jesus convivia com toda gente e tolerava infinitamente as imperfeições daqueles que O rodeavam, não se cansando de ensinar e ajudar, amparar e socorrer. E, ante as críticas de que era alvo, respondia: “Os sãos não precisam de médico.”

A mensagem de Jesus era muito avançada, até mesmo para João, c embora quase dois mil anos tenham decorrido, ainda não foi devidamente assimilada. Em relação às lições da Boa Nova, nosso comportamento aproxima-se muito das dúvidas do Precursor.

Se detemos um pouco de sensibilidade, sentimo-nos empolgados com a poesia divina do Evangelho e imbuímos-nos dos propósitos de renovação e progresso, desejos de seguir os passos de Jesus, que nos convida à edificação daquele reino de concórdia e paz, alegria e bom ânimo, que inundam a existência de bênçãos incessantes...

Todavia, ainda somos muito frágeis... E quando surgem a dor e a dificuldade... Quando o caminho se torna pedregoso e árido... Quando chega a noite das provações ou desaba a tormenta de expiações intransferíveis, como recursos de resgate e renovação, com vistas a um futuro melhor, vacilamos em nossas convicções. Então, o desânimo e a tristeza, a frustração e a inquietude, a irritação e o descontrole são mensageiros de nossa imaturidade, da crença superficial que se esboroa, perguntando: “É Jesus o Salvador, ou devemos esperar outro?”

## Uma outra jovem

O que se pode esperar de uma jovem de 16 anos?

Que seja estudiosa e ativa...

Que mantenha o equilíbrio da palavra e a moderação na conduta, respeitando os mais velhos...

Que ajude a mamãe e obedeça ao papai...

Que cultue os aspectos espirituais da existência, no caminho da religiosidade, a fim de que compreenda melhor a Vida, sem deixar-se envolver pelos enganos do Mundo.

Que não seja o viço e vaidade apenas, nas florações de beleza primaveril, mas, sobretudo, saiba envolver sua personalidade com o perfume caricioso da integridade e da virtude.

Diríamos que no estágio evolutivo em que se encontra a Humanidade seria demais esperar tanto. Nessa idade, com raras exceções, o Espírito reencarnado não detém o pleno controle de si mesmo; comporta-se como alguém que desperta de longo sono e cujas ações são muito mais instintivas, inspiradas em tendências nem sempre nobilitantes do passado, do que conscientes, apoiadas na razão e no discernimento.

Acresçam-se as reações biológicas que quase sempre afetam a economia psíquica, geradas por glândulas que preparam a mulher, de amanhã, e teremos a profunda instabilidade emocional que caracteriza a jovem de dezesseis anos...

Época de príncipes encantados que povoam o país das ilusões...

De amores definitivos que duram algumas semanas...

De mágoas “eternas” que se diluem facilmente, nas emoções de uma sensação nova...

De entusiasmo pela escola, caminho de realizações importantes na vida em sociedade, mas de indolência pelo estudo, fruto de milenar desinteresse pelo uso disciplinado da mente, nos domínios do conhecimento.

No lamentável despreparo dos pais para lidar com estas meninas-moças está a origem de frequentes conflitos no ambiente doméstico, de vez que em nenhuma outra idade é tão flagrante o contraste — a geração velha, já assentada em padrões de conduta, com tendências cristalizadas na rotina das atividades diárias, e a geração nova, que desperta para a Vida, que descobre o Mundo, que ainda não se acomodou e que, não raro, apela para a rebeldia, num desejo normal de auto-afirmação.

Se fosse fundada uma escola destinada a ensinar os pais a lidarem com filhas dessa idade, a principal disciplina deveria ser o Amor. Somente o Amor pode superar inteiramente as barreiras que separam gerações, principalmente quando a barreira maior é a inexperiência dos mais novos.

Se a adolescente sentir que a amam com esse amor que se manifesta nos dons da compreensão e do respeito, da tolerância e da dedicação...

Esse amor que a conduz mas não lhe impõe disciplinas desarrazoadas...

Esse amor que a sustenta, mas não lhe corta as asas...

Esse amor que a inspira, mas não pretende condicioná-la...

Esse amor que a envolve, mas não a oprime com apego excessivo...

Esse amor que a faz sentir que a casa de seus pais é o seu lar, o seu ninho, o seu refúgio, a sua bênção maior, então ela terá condições para superar as perplexidades da adolescência, transformando-se numa mulher equilibrada, sem raízes neuróticas, capaz de encarar a Vida com entusiasmo e otimismo e de participar da Vida como agente do Bem.

E, se fossemos chamados a dizer à jovem de dezesseis anos qual a melhor atitude a fim de que supere até mesmo as limitações de um lar sem amor, lembraríamos uma outra jovem da mesma idade, que viveu na Terra há muito tempo.

Uma jovem que não frequentava escolas, não via televisão nem conhecia livros; cujos horizontes intelectuais eram limitados pelas restrições próprias de seu tempo; uma jovem, portanto, que não possuía noções de Psicologia, envolvendo problemas de comportamento ou motivação, mas que, intuitivamente, conhecia a verdade fundamental.

Um dia foi visitada por um ser angelical que a informou de que seria a Mãe de um mensageiro de Deus. E o que fez ela? Exigiu sinais reveladores? Sonhou com príncipes encantados? Cogitou de grandezas terrenas?

Não! Ela simplesmente ajoelhou-se e, com humildade, pensamento voltado ao Alto, falou: “Senhor, eis aqui a tua serva! Cumpra-se em mim segundo a tua palavra!”

A jovem chamava-se Maria, e às Marias de todos os tempos e de todas as idades diríamos que essa submissão à vontade de Deus é fundamental, não só para a preservação do próprio equilíbrio, mas também para o pleno aproveitamento das oportunidades de edificação da jornada humana, com o cumprimento dos planos que fizemos ao reencarnar.

Referimo-nos não à submissão passiva de quem aceita o que acontece, acomodando-se na indolência e no alheamento, e, sim, à submissão ativa de quem aceita os pais que possui, a cidade onde mora, os amigos que surgem, as dores, problemas e lutas de cada dia como a soma das experiências necessárias que Deus oferece a todos; mas, não aceita a própria imperfeição nem com a mesma se conforma, esforçando-se por vencê-la com os valores do estudo, da autodisciplina e da renovação interior, consciente de que submeter-se à vontade de Deus é ter certeza de que Ele é Nosso Pai, que nos reserva um futuro de bênçãos, desde que nos comportemos como seus filhos e façamos o melhor.

## Filhos adotivos

O casal aguarda ansiosamente um filho. Todavia, embora os médicos garantam que não há nenhum problema físico, o desejo não se concretiza. Sucedem-se alguns meses... Finalmente admitindo que o filho não virá, marido e mulher resolvem adotar uma criança. Consumada a adoção, semanas mais tarde a esposa constata, feliz e surpresa, que está grávida. Em breve o lar é enriquecido com mais um filho.

\* Afirmam os médicos que este fenômeno é frequente e a incapacidade do casal em gerar filhos é motivada pela tensão desenvolvida em vista do desejo extremado de alcançar a paternidade, o que inibe o mecanismo biológico da reprodução. Ao adotar a criança os cônjuges relaxam a tensão, sucedendo-se, normalmente, a concepção.

Sob o ponto de vista espírita não há aqui a mera influência de fatores emocionais ou biológicos. Ocorre que determinados casais assumem perante a Espiritualidade o compromisso de cuidar de um filho adotivo, além dos nascidos de sua união. Se estes surgem primeiro, haverá a tendência para o casal sentir-se realizado nos seus ideais de paternidade, deixando de cumprir o planejamento feito. Então, mentores espirituais retardam por algum tempo os processos reencarnatórios marcados para aquele lar, até que se dê a adoção.

Há Espíritos que reencarnam para serem filhos adotivos. Esta situação faz parte de suas provações, geralmente porque no passado se comportaram de forma indigna em relação aos deveres familiares. Voltam ao convívio dos companheiros do pretérito sem laços de consanguinidade, o que para os Espíritos de mediana evolução representa sempre uma provação difícil, destinada a ensiná-los a valorizar a vida familiar.

Harmoniza-se, assim, a situação de um grupo reunido no lar para serviços de resgate e reajuste, competindo aos pais o máximo de cuidado em favor daquele familiar que ressurgiu na condição de filho adotivo. Este, mais do que os outros, é alguém necessitado de muita compreensão e carinho, a fim de que, superando o trauma que fatalmente experimentará ao ter conhecimento de sua condição, aproveite integralmente os benefícios da experiência, sem marcas negativas em sua personalidade.

A incapacidade de gerar filhos pode ter outras motivações. O casal, por exemplo, que em existências anteriores se furtou às emoções de reter junto ao coração um rebento de sua carne, por não desejar problemas, orientando suas ações em termos de egoísmo a dois, preocupados apenas com prazeres e sensações, segurança e conforto, poderá experimentar a angústia da esterilidade.

Em tais circunstâncias, os valores da abnegação e do amor podem ensejar perspectivas mais felizes. Seria o caso do casal sem filhos que se dedicasse de coração aos órfãos, quer trazendo-os carinhosamente ao convívio do próprio lar, quer participando de instituições destinadas a dar-lhes amparo e assistência. Por terem abraçado filhos de lares alheios, ambos acabariam compensados com a alegria de abraçar seus próprios filhos.

Não pretendemos sugerir que todo casal sem filhos os terá, desde que parta para a adoção, quer porque deve receber primeiro o adotivo, quer porque o adotivo lhe dará os méritos necessários.

Cada caso tem suas particularidades e ninguém pode avaliar- a extensão dos compromissos assumidos por aqueles que experimentam a frustração de seus anseios de paternidade.

O que se pode afirmar é que o filho adotivo constitui sempre um treino dos mais nobres no campo da Fraternidade. Nada mais meritório aos olhos de Deus, e talvez raros serviços na Terra sejam tão compensadores em termos de Vida Eterna.

Quando os homens compreenderem isso, não mais teremos orfanatos, porque toda criança sem pais encontrará corações generosos dispostos a dar-lhe carinho e amparo no próprio lar, semeando amor para um Mundo melhor.

Discutem biólogos e psicólogos tentando definir se a personalidade do indivíduo é forjada por fatores hereditários ou pelo ambiente.

Em outras palavras: o que somos — nosso caráter, nosso comportamento, a maneira como encaramos a existência, nossas ações e reações — tudo isso herdamos de nossos pais ou adquirimos na convivência com eles?

Aprendemos com a Doutrina Espírita que a primeira possibilidade é totalmente infundada. A hereditariedade limita-se ao plano físico. Os pais transmitem aos filhos algo de sua estrutura física, como quem fornece recursos para a construção de uma casa.

Mas, o morador da casa — o Espírito — não é gerado no momento da concepção. Já existia desde há muito e sua herança psicológica é, na realidade, uma herança de si mesmo. Ele ressurge na Terra com sua própria personalidade, conservando tendências e aptidões moldadas em experiências do passado.

Daí a razão pela qual se costuma dizer que os filhos são diferentes entre si, como os dedos da mão. É que numa mesma família, por maior que se apresente a afinidade entre os irmãos, são Espíritos situados em diferentes estágios evolutivos, com experiências diferentes e, portanto, comportamento diferente.

Quanto à segunda possibilidade, deve ser levada em consideração, embora não represente a realidade plena. Ao reencarnar, quando ligado ao psiquismo materno, logo após a concepção, o



## Hereditariedade psicológica

Espírito entra em sono profundo, que se prolonga por toda a vida intra-uterina, nos nove meses de gestação, mantendo-se, depois, numa semidormência até os sete anos, quando é completado o processo reencarnatório.

Nesse período, principalmente, e em parte durante a adolescência, que é um despertar para a Vida Terrestre, o Espírito é extremamente sensível a influências ambientes, capazes de deixar marcas em sua personalidade que o acompanharão, não raro, pela existência inteira.

A Psicologia demonstra exaustivamente que os excessos de disciplina ou de proteção, em que os pais resvalam para extremos de violência ou de proteção, tendem a incapacitar os filhos no sentido de se tornarem emocionalmente adultos, situando-os em eterna dependência, inseguros e intranquilos.

Por outro lado, em lares onde há constante desentendimento entre os cônjuges, marcado por brigas e discussões, os filhos estão sujeitos a traumas psíquicos violentos, que poderão resultar, mais tarde, em fobias, neuroses e outros desajustes.

Somente os Espíritos altamente evoluídos, que têm consciência plena da Paternidade Divina e que conservam um patrimônio de meritórias experiências no campo da Sabedoria e do Bem, conseguem superar tais influências.

Podemos, pois, avaliar as tremendas responsabilidades daqueles que, ao se tornarem pais, assumem ^diante de Deus o compromisso de amparar alguém que vem à Terra em jornada de aprendizado e reajuste.

A paternidade e a maternidade constituem nobres missões, diante das quais é preciso que haja um permanente preparo do homem e da mulher, em regime de abnegação e discernimento, a fim de que não projetem nos filhos os frutos de um comportamento irregular, capaz de dificultar — e até comprometer planos exaustivamente elaborados pela Espiritualidade em favor deles.

## Hereditariedade física

É ponto pacífico, em Biologia, que a estrutura orgânica do indivíduo, desde a sua estatura à cor dos olhos, resulta da combinação de fatores hereditários.

Para os biólogos, o mecanismo que condiciona o aproveitamento dos elementos genéticos chama-se acaso. O próprio sexo é apresentado como exemplo. Durante o processo que antecede a fecundação do óvulo, há uma competição entre espermatozoides com cromossomos X e Y. Se o óvulo for fecundado pelo espermatozoide com cromossomos X, ocorrerá a concepção de uma menina. Caso contrário, será menino.

E vão mais longe: a formação de uma criança perfeita ou defeituosa, forte ou fraca, sadia ou doente, de cérebro superdesenvolvido ou atrofiado está subordinada ao mesmo acaso.

Ainda que se aceite esta teoria puramente materialista, suprimindo-se a participação de Deus, o que elimina qualquer preocupação de ordem moral, será difícil explicar o misterioso mecanismo que preside ao equilíbrio das espécies, mantendo proporção entre os sexos, e, particularmente, a evolução dos seres orgânicos, iniciada há bilhões de anos na Terra, para, num desenvolvimento progressivo, inteligente, disciplinado, espetacular, chegar ao Homem.

O pensamento religioso tradicional aceita os argumentos dos biólogos, considerando que a hereditariedade não pode ser traída e que, se os pais possuem fatores genéticos degenerados, pode

ocorrer — por obra do acaso — que o filho experimente limitações.

Mas, se não podemos exigir que o biólogo cogite da justiça, o mesmo não ocorre em relação ao religioso. E a esse pode-se perguntar:

“Onde está a Justiça de Deus, que distribui ao acaso a saúde e a enfermidade, a inteligência e a estupidéz, a desenvoltura física e a atrofia, como quem fizesse da hereditariedade um jogo de dados?”

E, se não se trata de um jogo, que poder extremamente limitado o seu, incapaz de evitar que tais discrepâncias ocorram numa mesma família, onde os mesmos fatores hereditários geram inteligentes e idiotas, atletas e aleijados?

E mais lógico admitir que o Espírito não é criado no momento da concepção. Trata-se de alguém que vem de longe, de múltiplas existências do passado, trazendo méritos e deméritos que condicionarão o tipo de corpo e de experiência que deverá ter na Terra.

Se estiver extremamente comprometido com o Mal, fruto de incursões no vício e no desatino, degenerará os elementos genéticos ou estará submetido a uma combinação deficiente deles, renascendo no Mundo portador de graves limitações físicas, à maneira de criminoso submetido à prisão por determinado tempo, por ensejo de renovação e reajuste.

Já o Espírito evoluído que vem à Terra para experiências nobres, autêntico missionário da Espiritualidade, controlará o próprio nascimento e ainda terá condições para planejar o tipo de corpo que melhor se ajuste às suas necessidades. E mesmo que os pais sejam portadores de graves deficiências físicas, tendentes a se fixarem na descendência, ele terá recursos para superar fatores de condicionamento controlando a gênese orgânica com o aproveitamento de genes não degenerados e renascendo em pleno equilíbrio.

Com estes princípios desenvolvidos pela Doutrina Espírita, quando trata da Lei da Reencarnação, não há lugar para o acaso na composição da vida física, de vez que o Espírito terá sempre, por instrumento de manifestação na Terra, um corpo compatível com suas necessidades evolutivas.

Harmoniza-se, assim, a Justiça de Deus com a hereditariedade física, a fim de que Deus não fique sujeito à Biologia, já que a Biologia é apenas um instrumento de Deus.

## Exemplo inesquecível

Dentre as mulheres mais notáveis deste século, destaca-se a extraordinária Helen Keller.

Nascida em Tuscumbia, Estados Unidos, em 1880, aos 18 meses de idade um mal não definido provocou-lhe a cegueira e a surdez; conseqüentemente, era muda também. Até os 7 anos era um verdadeiro animalzinho, com vida puramente instintiva, condenada, segundo os padrões da época, à idiotia.

Caberia a Anne Sullivan, admirável professora de 20 anos, conseguir, após ingentes esforços, que a menina tivesse o primeiro contato com o mundo exterior, aprendendo a distinguir seres e objetos com o toque das mãos e a ensaiar o raciocínio em relação às suas experiências táteis. Já era muito, quase demais para quem sofria tão graves limitações.

Mas ela foi além. Se a Vida, no seu mundo sem som e sem imagem, era um tremendo desafio, ela o aceitava e, convicta de que a perseverança é uma força irresistível, riscou de seu vocabulário a palavra impossível.

Primeiro aprendeu a falar, prodígio alcançado com infinita paciência e intermináveis exercícios. Que se saiba, foi a primeira pessoa que conseguiu articular palavras inteligíveis, sem nunca ter ouvido som algum. Inscrita num colégio para moças normais, onde a receberam com relutância, diplomou-se com distinção, embora não pudesse ouvir as aulas nem tomar notas.

Helen Relier provou que o poder da vontade representa uma força quase ilimitada, ao aprender muito no campo da Geometria, da Álgebra, das Ciências Físicas, da Botânica, da Zoologia e da Filosofia. Escrevia em inglês e francês mantendo correspondência com figuras de grande projeção no Mundo inteiro. Pronunciou centenas de conferências em vários países, inclusive no Brasil, e escreveu livros notáveis.

O mais extraordinário foi que ela superou os sentimentos de autocompaixão e crônica infelicidade que caracterizam os Espíritos fracos quando enfrentam suas provações, dedicando sua existência em favor dos cegos, surdos e mudos.

Diz ela, na obra “Minha Vida de Mulher”: “Ninguém pode saber melhor do que eu o que são as amarguras dos defeitos físicos. Não é verdade que eu nunca esteja triste, mas há muito resolvi não me queixar. Mesmo o ferido de morte deve esforçar-se por viver seus dias com alegria, por amor dos outros. Eis para que serve a Religião: inspirar-nos à luta até o fim, de ânimo forte e sorriso nos lábios.

Uma ambição eu tenho: a de não me deixar abater. Para tanto conto com a bênção do trabalho, o conforto da amizade e a fé inabalável nos altos desígnios de Deus.”

Helen Relier é o símbolo marcante do que podem realizar os que compreendem que a Felicidade não está subordinada à satisfação de nossos desejos, diante da Vida, mas ao desejo de compreendermos o que a Vida espera de nós.

Condenada a viver num silencioso mundo de trevas, havia claridades e sons em seu íntimo que jamais perceberemos com os sentidos físicos.

Havia luzes divinas, emanadas da comunhão profunda de um Espírito humilde com as Fontes da Vida.

Havia acordes transcendentais produzidos por alguém empolgado com a sinfonia do Bem!

## A coragem de continuar

Franz Rosenzweig, escritor alemão, que a par de suas incursões pelos domínios da Filosofia, traduziu para a língua pátria a Bíblia, sofria de um terrível mal: uma esclerose amiotrófica lateral, que provocou a progressiva paralisação de seus músculos.

Nos últimos anos de existência ele passava o > dias reclinado numa cadeira de braços, a cabeça sustentada por uma alça. Seu corpo estava totalmente imobilizado. Os únicos músculos que conseguia movimentar por comando da vontade eram os dos olhos e somente através destes podia estabelecer contato com o mundo exterior.

Uma máquina de escrever foi construída especialmente para ele. A particularidade era o enorme teclado, com teclas bem espaçadas. Seu meio de comunicar-se era fixar os olhos sobre a letra desejada que, em seguida, era apertada por sua esposa. Assim “falava”; assim escrevia a tradução da Bíblia e cultivava enorme correspondência.

Diante de tão grande limitação, a tendência do indivíduo comum seria entregar-se a uma existência vegetativa, marcada pelo desespero e pela frustração.

Seria Franz Rosenzweig um super-homem? Não! Ele se destacou pela coragem de enfrentar a provação. Recusando a condição de indigente, soube superar a deficiência física com admirável força de vontade e seguiu adiante em suas atividades, oferecendo exemplo marcante de autodeterminação.

São inimagináveis as potencialidades que dormitam na personalidade humana. Somos filhos de Deus, e o poder criador que caracteriza nossa condição emana do Espírito e não do corpo. Por isso, ainda que o corpo, instrumento de nossa manifestação no plano físico, ofereça limitações, nem assim estaremos impossibilitados de exercitar ação criadora, seja com as mãos, com os pés, com a palavra, com os olhos, com o pensamento.

Defrontamo-nos com um grande dilema, no atual estágio evolutivo. De onde viemos? Da irracionalidade, das manifestações primitivas... Mas há uma diferença fundamental entre nós e os irracionais. Eles têm vida puramente instintiva e são conduzidos pelas forças da Criação. Nós temos vida mental — o dom de pensar. Portanto, devemos caminhar com nossos próprios esforços.

O dilema é este: chamados ao uso da razão, devendo exercitar a capacidade criadora, teimamos na instintividade, onde estão ausentes os valores mais nobres.

No animal a ação puramente instintiva — comer, dormir, procriar — é normal, porquanto seu horizonte é a vida material, à qual estará preso por milênios, na lenta elaboração da personalidade espiritual.

Mas no Homem essa tendência, herdada de estágios inferiores, tem de ser superada, pois o horizonte é a vida espiritual, que deve alcançar, libertando-se do longo ciclo de reencarnações, que tendem a ser mais difíceis e dolorosas, na medida em que, desenvolvendo a capacidade de raciocínio, insistir em permanecer na inércia que caracteriza a irracionalidade — ontem normal, mas hoje um entrave ao seu progresso.

É preciso reconhecer sempre que a faculdade de pensar — a razão — e a faculdade de escolher — o livre-arbitrio — que nos distinguem dos brutos, situando-nos na vanguarda da evolução na Terra, implicam no dever de buscar o melhor, de lutar pela plena realização de nosso Espírito em sua gloriosa destinação.

A experiência de Franz Rosenzweig fala bem alto que não há obstáculos intransponíveis para quem quer caminhar. A grande barreira está dentro de nós mesmos. Ante o convite da Vida para que mobilizemos nossas forças criadoras, muitos dizem: “Não posso, estou perturbado; não posso, estou infeliz; não posso, estou desanimado.”

Todavia, semelhantes estados de ânimo não fazem parte das provações humanas. São apenas miasmas, males que proliferam nas águas turvas da indiferença, da preguiça, da má-vontade...

Os que cultivam um ideal; os que lutam por renovar-se moral e intelectualmente, jamais estacionam em semelhantes inibições, pois estão exercitando suas potencialidades criadoras aproveitando as bênçãos da existência e caminhando sempre.

Nesse empenho, todas as atividades que representem aquisição moral e intelectual, afastando-nos da inércia, devem merecer nosso interesse. A escola superior, o curso intensivo, a leitura sadia, o cultivo da Arte, o gesto de bondade, o interesse pelo semelhante, a participação em obras de benemerência social, são convites permanentes da Vida para que busquemos a alegria de viver intensamente, com pleno aproveitamento das horas.

E ainda que inundemos nossa existência com realizações grandiosas, não teremos utilizado senão pequena fração de nossas possibilidades criadoras.

Mas seja qual for a atividade a que nos entreguemos no campo do Bem, devemos estar certos de que o sucesso de nossas iniciativas não estará condicionado às circunstâncias da Terra ou aos favores do Céu e, sim, ao nosso empenho, marcado pela confiança em Deus e em nós mesmos. Por isso, a sabedoria esotérica proclama:

“Pobre de ti, se pensas ser vencido:

Tua derrota é caso decidido.

Queres vencer, mas como em ti não crês,

Tua descrença esmaga-te de vez.  
Se imaginas perder, perdido estás.  
Quem não confia em si, marcha para trás.  
A força que te impele para a frente  
É a decisão firmada em tua mente.  
Muita empresa esboroa-se em fracasso,  
Inda antes do primeiro passo.  
Muito covarde tem capitulado,  
Antes de haver a luta começado.  
Pensa em grande, e os teus feitos crescerão...  
Pensa em pequeno e irás depressa ao chão.  
O querer é o poder arquipotente.  
Fracó é aquele que fracó se imagina.  
Olha o alto o que ao alto se destina.  
A confiança em si mesmo é a trajetória  
Que leva aos altos cimos da vitória.  
Nem sempre o que mais corre a meta alcança,  
Nem mais longe o mais forte o disco lança,  
Mas o que, certo em si, vai firme e em frente,  
Com a decisão firmada em sua mente...”

## Evangelho no Lar

É com justa apreensão que os pais, na atualidade terrestre, encaram o futuro dos filhos, ante o panorama desolador de um mundo em crise, caracterizado pela subversão da moral, onde a rebeldia sistemática é decantada como auto-afirmação; onde o romper com elementares noções de dever e responsabilidade é ser “pra-frente”, e tipos exóticos como os “hippies” são exaltados como suprema contestação de um sistema de vida, superado, à procura de uma nova filosofia existencial — estranha e contraditória filosofia — em que a promiscuidade sexual, o vício, a sujeira e a vadiagem surgem por valores de autenticidade...

Como impedir que os jovens assimilem tão perniciosos exemplos e enveredem por perigosos caminhos que deformam a personalidade, predispondo-os a inconsequentes sementeiras de lacérantes colheitas obrigatórias?

Evitar que tenham contato com esses aspectos negativos da sociedade atual, seria, segundo a velha expressão: “tentar tapar o sol com a peneira.”

Ante o extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação o Mundo, como diz Mcluhan, tornou-se uma aldeia. Vê-se tudo, sabe-se tudo, conhece-se tudo... E como a tendência humana é deter-se nos aspectos menos edificantes dos acontecimentos, somos assaltados e quase agredidos em nossa sensibilidade por jornais que dão destaque ao crime e à degradação; pelo cinema atrelado ao erotismo e à violência, que vê nos temas escabrosos e pornográficos os grandes recursos para combater a televisão que, por sua vez, invade nossos lares exaltando a mediocridade, com o sentimentalismo barato das novelas, a vulgaridade dos programas de auditório, a falta de imaginação dos produtores e os indefectíveis comerciais, cuja principal finalidade é a de nos convencerem a usar o de que não precisamos e a gostar do que não apreciamos.

Sim, o Mundo tornou-se não uma aldeia, mas uma grande ta- ba, já que nesta época de conturbação, de esvaziamento de valores espirituais, o Homem parece haver renunciado a milhares de anos de aprendizado na escola da Evolução, deixando prevalecer em seu comportamento impulsos primitivos que aviltam a razão.

Em defesa dos filhos, poder-se-ia falar numa disciplina rigorosa de proibições e horários, com controle sistemático de seus passos. Mas isto, ou desenvolveria neles a rebeldia, levando-os a fazer muito mais do que aquilo que se procura evitar, ou os tornaria extremamente dependentes, incapazes de se tornarem adultos e de resolverem seus próprios problemas.

Não podemos prender os jovens em casa, porque está chovendo. Melhor será dar-lhes capa e guarda-chuva. É tolice evitar que tenham contato com o mal que assola o Mundo. O essencial é prepará-los para que tenham suas próprias defesas.

Seria fácil estabelecer para os pais normas de comportamento inspiradas em psicologia aplicada, a fim de que exerçam uma influência benéfica sobre os filhos, ajudando-os a enfrentar o Mundo.

Todavia, sabemos que é difícil para o adulto modificar sua conduta, superar certas limitações próprias de seu estágio evolutivo e o condicionamento negativo a que foi submetido em sua formação — tudo isto a refletir-se fatalmente em suas ações.

A simples enunciação destas normas não operaria nenhum prodígio. A mudança de comportamento é lenta, laboriosa. Exige muito esforço, disciplina e, sobretudo, tempo — um tempo que os filhos não podem esperar.

Devemos, então, cogitar de recursos que, independentemente do grau de evolução ou quaisquer outros elementos condicionantes, permitem a todos, indistintamente, exercitar conduta melhor. Dentre eles situaríamos como dos mais importantes o Culto do Evangelho no Lar, prática que consiste na reunião dos

membros da família em determinado dia da semana, para juntos lerem e comentarem passagens evangélicas. É algo muito simples, mas que tem oferecido os melhores resultados.

O Culto do Evangelho é uma maneira de reunir a família em torno de um objetivo comum. A comunhão familiar onde todos conversam, trocam ideias, falam de seus problemas, comentam suas atividades, *à luz dos ensinamentos de Jesus*, representa o mais eficiente estímulo para o estreitamento das ligações afetivas, transformando o lar em porto de segurança e paz, com garantia de equilíbrio e alegria para todos.

Ao redor da mesa, sob inspiração de singela prece, o contato com o Evangelho é um banquete de Espiritualidade. Nesses instantes, abrimos as portas de nossa casa para que amigos espirituais nos ofereçam bênçãos de ajuda e conforto, afastando más influências e inspirando nossos corações.

Nunca, talvez, foi tão imperiosa essa visão de realidade baseada na simplicidade das expressões evangélicas. A Boa Nova é uma síntese perfeita das leis morais que regem o Universo; poesia do sublime, capaz de extasiar intelectualmente o homem de todas as classes sociais, fala sobretudo ao seu coração, convidando-o a ser filho verdadeiro de Deus...

Aquele que assimila seus princípios, *com a melhor* didática, que é o diálogo em família, forma uma base espiritual que lhe permite sobrepor-se às influências negativas da sociedade atual, sem deixar-se envolver pela inversão de valores ou ser condicionado pela mediocridade.

## Como enfrentar a esfinge

Quando se fala em loucura, imaginamos uma minoria de alienados mentais confinados às casas de saúde, segregados do convívio social.

Todavia, se considerarmos a loucura uma espécie de curto circuito mental, em que a pessoa deixa de usar a razão, diríamos que todos nos comportamos como alienados mentais, sempre que renunciamos ao bom-senso e partimos para a agressividade, o desatino, a rebeldia ou a inconsequência.

O indivíduo que, empolgado pelo ódio, agride um desafeto; o funcionário que, incapaz de conter a ira, ergue a voz e descarrega ofensas sobre o colega; o marido cego de ciúme, que enxerga traições infamantes na esposa dedicada; a dona de casa que discute com a doméstica, humilhando-a; o maledicente que conspurca reputações alheias, fantasiando situações, estão todos “loucos”, por deixarem prevalecer impulsos inferiores de sua personalidade.

E em relação aos que se apegam aos bens materiais, diz Jesus, no capítulo 12 do Evangelho de Lucas: “O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: “Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos?” E disse: “Farei isto: Destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha Alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come e bebe e regalete”.

Mas Deus lhe disse: “*Louco*, esta noite te pedirão a tua Alma; e o que tens preparado, para quem será?”

Acumular bens na Terra, além das necessidades essenciais, é verdadeira loucura, já que não somos da Terra.

Ainda fora das Casas de Saúde, há o vasto contingente de criaturas que trazem a mente torturada por temores e dúvidas, depressões e angústias, que lhes corroem a Alma, precipitando-as em profundos desajustes. Envolvidas pela fixação de ideias em torno de determinados problemas, não raro sob o assédio de Espíritos obsessores, caem em turvação mental que a custo conseguem esconder. Mas são traídas por tiques nervosos e anormalidade, que inspiram sérias preocupações aos familiares. Geralmente acabam em consultórios médicos, quando as tensões que as martirizam atingem limites insuportáveis.

Seja a loucura consumada, que conduz ao hospital psiquiátrico; seja a loucura ocasional, das explosões de inconsequência; seja a loucura latente, dos conflitos íntimos, a causa principal, segundo ensinam os Espíritos, está na informação. Sempre que julgamos a nossa dor muito grande; que nossos problemas são demasiados complexos; que a Vida se nega a atender nossas aspirações; que ninguém nos entende; que ninguém nos ajuda — e partimos para sentimentos negativos, que se exprimem na revolta ou na rebeldia, na queixa ou no pessimismo, na agressividade ou no mau-humor — fatalmente estamos a caminho do desajuste.

Nos casos de loucura consumada, em que os doentes estão afastados da realidade, poderíamos identificar grandes criminosos, viciados e ambiciosos de vidas pretéritas, que destruíram a estabilidade mental e permanecem segregados num mundo de fantasias, povoado pelos fantasmas de seus desatinos. E ninguém poderá prever quando se esgotarão estes reflexos descontrolados que lhes impõe o resgate de suas dívidas, diante das Leis Divinas.

Todavia, somente chegaram a tal extremo, após estagiarem voluntária e indebitamente na loucura ocasional e na loucura latente, dando vazão, vezes sem conta, aos seus impulsos inferiores.

O problema de nossa estabilidade íntima, para que tais perigos sejam evitados, é de auto-descoberta, isto é, descobrimos a nós mesmos, aprendendo a definir nossas necessidades essenciais. É o “conhece-te a ti mesmo”, da sabedoria grega, o esforço por colocarmos ordem em nossa casa mental, livrando-a da poeira da rebeldia, do cupim dos pensamentos negativos e da invasão de Espíritos obsessores, para que não sobrevenha a ruína da alienação.

Na mitologia grega havia a figura da esfinge, monstro com corpo de leão e cabeça humana, postado à margem de uma estrada, que impunha a todos os viajantes um enigma. Se não conseguissem decifrá-lo, seriam devorados.

Essa figuração aplica-se perfeitamente à nossa existência. Também nos deparamos com uma esfinge, e ela nos impõe um enigma — o enigma de nossa própria vida: Quem somos? De onde viemos? Por que estamos na Terra? Para onde vamos?

Se não respondermos satisfatoriamente também seremos devorados — pelas frustrações, perplexidades e temores que caracterizam o homem comum.

O Espiritismo é a resposta do Céu aos nossos anseios mais sinceros neste sentido, oferecendo-nos uma visão ampla de realidade; ajudando-nos a compreender que a nossa personalidade de hoje, com seus problemas e limitações, é soma do que fizemos ontem; que dores e angústias que enfrentamos são colheitas obrigatórias de espinhos semeados voluntariamente, e que só conservamos a mente equilibrada na medida em que mantivermos fidelidade a nós mesmos, observando os sagrados objetivos que determinaram nosso mergulho na carne.

Para tanto, o supremo guia será sempre a Consciência, esta voz interior que se torna mais audível e segura, na medida em que cultivamos os valores espirituais, exercitando-nos no estudo e na reflexão; esta voz interior que é o próprio Cristo, a convocar-nos para o Bem.



## Paulo e a mediunidade

“Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelações, aquele outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação.

No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete.

Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus.

Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem.

Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro.

Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem a serem consolados.

Os Espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas.”

Dir-se-ia que temos aqui um texto espírita. Se substituirmos o vocábulo “profeta” por “médium”, a identificação será quase completa. Entretanto, ele tem quase 2.000 anos. Está na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, Capítulo 14, versículos 26 a 32.

Será, talvez, a primeira tentativa de que se tem notícia no sentido de estabelecer normas para o exercício da mediunidade, e a prova mais evidente de que na primitiva comunidade cristã havia um intenso intercâmbio com o Além, tão imenso que Paulo se viu obrigado a discipliná-lo.

Em favor dessa tese é oportuno lembrar a advertência de João, no Capítulo 4<sup>o</sup> de sua primeira epístola, quando diz: “Amados, não deis créditos a qualquer Espírito: antes provai se os Espíritos procedem de Deus.”

Sua recomendação caberia perfeitamente na orientação de Kardec, ao frisar que pelo conteúdo da manifestação podemos identificar a natureza do Espírito comunicante. A mesma questão é abordada por Paulo, no trecho citado: “Tratando-se de profetas (médiums), falem apenas dois ou três, e os outros julguem.”

Vivendo numa atmosfera de exaltação da Fé e de elevada espiritualidade, a comunidade cristã permanecia em estreita ligação com o Mundo Espiritual; daí a abundância de fenômenos mediúnicos e o apoio sempre presente dos Espíritos em favor dos aprendizes do Evangelho, sustentando-os nos momentos mais difíceis.

Alguns médiums adquiriram até notoriedade pela maneira segura como transmitiam as orientações dos mentores espirituais (interpretadas como manifestações do Espírito Santo), como foi o caso de Agabo, que antecipou uma grande fome que assolaria a Terra e certos acontecimentos que envolveram o apóstolo Paulo.

O Espiritismo, com mais propriedade, é caracterizado pelo intercâmbio com o Além, já que tem no fenômeno mediúnic a sua base. E embora vinte séculos tenham decorrido, permanecem perfeitamente válidas as normas instituídas pelo apóstolo da gen-tilidade.

“Que seja tudo para edificação” — que nos reunamos, não simplesmente para receber conforto e cura, mas que nos mova um propósito superior, induzindo-nos à seriedade, ao aproveitamento e, sobretudo, à participação. Dizemos participação, porque as vibrações de interesse, atenção e simpatia dos presentes são sustentáculos indispensáveis ao bom aproveitamento de um trabalho mediúnic.

Uma outra observação de Paulo é importante e faz referência a um problema de ontem que persiste hoje. É quando diz: “Os Espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas.” Em outras palavras: os médiums devem aprender a controlar o fenômeno mediúnic, evitando que ocorram manifestações simultâneas, sem proveito nenhum, ou que, sob o impulso de Espíritos inferiores, gritem, agitem-se provocando tumulto, o que infelizmente, é muito comum em reuniões onde não há estudo nem orientação.

As observações de Paulo, na Epístola aos Coríntios, são precursoras da disciplina que deve imperar nos trabalhos espíritas da atualidade, a fim de que tenhamos, no intercâmbio com o Além, um estímulo sempre renovado para as tarefas do Bem e uma rota segura no caminho do aprendizado e da edificação espiritual.



## Portas fechadas

Ante a profusão de fenômenos mediúnicos registrados no Novo Testamento, não apenas no apostolado de Jesus, mas também no trabalho dos discípulos, a evidenciar que a primitiva comunidade cristã estava familiarizada à prática de conversar com os “mortos”, surge a pergunta: Por que cessou o intercâmbio?

A Teologia ortodoxa costuma apregoar que passada a fase da revelação, com o Cristo, e a de expansão e testemunho, com os apóstolos, não havia necessidade daquelas manifestações (tomadas à conta de intervenções do Espírito Santo).

Sem dúvida, o Plano Espiritual participa ostensivamente de todos os grandes eventos religiosos, como se o Céu procurasse chamar a atenção dos homens, preparando-os para receberem a sua mensagem. E neste particular o Espiritismo situa bem a sua condição de Revelação Divina, já que foi precedido e é caracterizado pela manifestação dos Espíritos.

Isto não significa que o intercâmbio com o Além somente aconteça nessas oportunidades. O Homem sempre conversou com os “mortos”, desde que começou a fazer uso da razão. Nas culturas mais primitivas temos notícias dessas relações. Já no tempo de Moisés, marcado também pela fertilidade mediúnica, cujo fruto maior foi a Tábua dos Dez Mandamentos da Lei, houve tantos excessos que o grande legislador se viu obrigado a proibir a evocação dos Espíritos.

Após Jesus, passada a fase dos grandes sacrifícios e dos grandes testemunhos, seria natural que perdurasse a comunhão com o Plano Invisível. A palavra da Espiritualidade Superior é orientação indispensável a qualquer movimento religioso, a fim de preservar-lhe a pureza e a autenticidade, mantendo-o fiel às suas origens e finalidades.

A fim de compreendermos por que cessaram as manifestações, é preciso recordar com Kardec que, para entrarmos em contato com os mentores do Além, devemos elevar-nos moralmente até eles, proporcionando-lhes condições para que venham até nós.

Ora, justamente o contrário foi o que aconteceu com o Cristianismo, a partir do século II, quando Constantino o proclamou religião oficial do Império Romano, facultando a criação do sacerdócio organizado e o aparecimento do profissional da religião.

Ser religioso, já não era uma vocação, mas muito mais uma profissão, esquecidos os ideais de Amor e Fraternidade exemplificados por Jesus, ante os crescentes interesses em torno da política e do poder.

O exercício da mediunidade foi, então, desestimulado, primeiro porque as manifestações legítimas de orientadores espirituais contrariavam as ambições em jogo; segundo, porque com a desintegração da pureza inicial, os médiuns, sem apoio e sem disciplina, eram assediados por obsessores que provocavam grandes tumultos.

Os médiuns passaram a ser os endemoniados, criaturas possuídas pelo diabo, que precisavam ser exorcizadas. E como as fórmulas verbais e o ritual não apresentavam nenhum resultado, adotaram-se práticas mais drásticas como a tortura e a morte. Na Idade Média era comum mandar-se o médium para a fogueira, a fim de libertá-lo do demônio. Que se consumisse o corpo — dizia-se — mas que a Alma fosse salva.

Em verdade, jamais cessou o intercâmbio. A mediunidade é uma faculdade inerente ao Homem e o instrumento através do qual ele recebe a contribuição maior da Espiritualidade, em favor de sua evolução. Sempre houve e sempre haverá indivíduos mais sensíveis, psiquicamente, capazes de sentirem mais intensamente a aproximação dos Espíritos e agirem sob sua inspiração ou influência.

Entretanto, difundida a crença de que o era o demônio que se manifestava, e a prática de tortura ou matar os médiuns, a fim de “libertá-los” estes trataram de esconder ou sufocar qualquer experiência mediúnica, o que era natural.

Em prejuízo próprio, jamais o pensamento religioso conseguiu libertar-se dessas concepções inibidoras, impostas irremediavelmente pelo dogma.

Foi por essa razão que, em meados do século XIX, encontrando as portas das igrejas fechadas, os Espíritos buscaram a mediunidade fora delas, a fim de oferecerem aos Homens o Consolador, o Espírito de Verdade, que vinha, segundo a promessa de Jesus “ensinar todas as coisas e recordar tudo o que Ele falara”.

Surgia, assim, o Espiritismo, que, reinstituindo o intercâmbio com o Além, dava uma nova dimensão às práticas mediúnicas e oferecia à Humanidade uma visão transcendente da Vida.

## Curas espirituais

Muitas objeções têm sido apresentadas no próprio meio espírita, contra os trabalhos mediúnicos de cura, particularmente em relação ao receituário e às operações espirituais.

Proclama-se, por exemplo, que os médicos estudam durante anos a fio, preparando-se exaustivamente para a atividade profissional; no entanto, o médium de cura, sem a mais elementar noção de Medicina, arvora-se no direito de lhes fazer concorrência.

Todavia, o receituário mediúnico não chega a constituir atividade concorrente, já que os consulentes geralmente procuram os Espíritos somente quando a Medicina não conseguiu eliminar seus males. É preciso considerar, também, que o médium é apenas um intermediário, e não se poderia culpar os Espíritos de exercício ilegal da profissão, já que são quase sempre médicos desencarnados que se dedicam a esse trabalho.

Nas chamadas operações espirituais muitos levantam dúvidas ainda mais sérias, proclamando tratar-se de pura charlatanice e aconselhando os pacientes a radiografarem os órgãos supostamente submetidos à intervenção, a fim de constatarem sua autenticidade. Tal medida, entretanto, não é muito lógica, pois neste tipo de trabalho os Espíritos interferem diretamente no perispírito do paciente, com reflexos posteriores na economia orgânica. A chapa radiográfica de imediato não revelaria nenhuma alteração.

O que devemos reconhecer é que tais práticas geralmente são desenvolvidas de uma forma indisciplinada e raríssimos médiuns têm condições ideais para uma atuação eficiente. Não raro cobram por seu trabalho ou estimam receber recompensas. Por isso, potencialmente podem deter grandes possibilidades, mas obstruem os condutos da mediunidade pela comercialização, acabando por perderem suas faculdades. Mas como as sessões se tornaram para eles um meio de vida, continuam a simular receitas e operações, transformando-se em charlatães.

Não devemos, portanto, cultivar com muito entusiasmo esse tipo de atividade, fazendo prevalecer no intercâmbio com o Além o interesse pela edificação espiritual, através do estudo e da disciplina dos sentimentos.

E ainda que estejamos convictos da honestidade do grupo de curas que buscamos, devemos reconhecer sempre que o médium, mesmo que muito bem dotado e sob assistência de legítimos benfeitores espirituais, não pode sobrepor-se às leis cármicas.

Se detemos males que se apresentam como meros reflexos de faltas passadas, fruto de desvios do sentimento e da razão, a exigirem os linimentos da paciência e do tempo, até a depuração de nossa Alma, não haverá receituário nem operação espiritual que nos cure.

Por enfadonho se afigure, é preciso repetir sempre que somente quando aprendermos a viver como verdadeiros cristãos, elegendos o bem dos outros como nosso próprio bem, estaremos gerando bem-estar futuro, para companheiros de sempre.

De outra forma, todos os benefícios do Plano Espiritual serão meros paliativos para males que voltarão sempre.

### Barreiras da mediunidade

Quando se trata da definição e do exercício regular de suas faculdades, o grande problema que envolve os médiuns em geral é o da ignorância, pois, não obstante a mediunidade estar na Terra desde o aparecimento do Homem, somente com o Espiritismo surgiu a disciplina do fenômeno mediúnic. Até então, este *sexto-sentido* fora considerado algo de sobrenatural, situado, geralmente, na faixa da anormalidade.

E se vão longe aqueles tempos em que os médiuns eram consumidos em fogueiras que a piedade religiosa acendia, proclamando que esta era a maneira ideal de libertá-los do demônio e salvar suas Almas, ainda hoje a ignorância continua a levantar barreiras inibitórias.

Alguém experimenta perturbações próprias do desabrochar de faculdades psíquicas: instabilidade emocional, depressão, distúrbios físicos indefiníveis e récalcitrantes, visões, sonhos agitados... Procura o médico, submete-se a tratamento. Melhora, mas não encontra o desejado equilíbrio, o que é natural, pois *mediunidade não é doença*. Seus males são fruto de uma desfocalização psíquica, uma sintonia desajustada que somente será corrigida pelos valores da disciplina mediúnic.

Ante a impotência dos recursos médicos, que, diante de desajustes espirituais, atuam como meros paliativos a atingirem apenas os reflexos registrados no corpo físico, o paciente procura a Religião, submetendo-se às práticas de sua igreja. Isso representará um alento maior ou menor, de conformidade com sua crença, mas não mudará o quadro de suas perturbações. Talvez, se grande for a sua fé e a disposição em participar da comunidade religiosa, aderindo a movimentos que postulam por uma vivência autêntica do Cristianismo, possa melhorar seu padrão vibratório e experimentar grande alívio. Mas a faculdade mediúnic permanecerá indefinida e frequentemente ensejará desajustes, com re- crudescimento de seus males.

Numa destas crises, um amigo sugere: “Por que você não procura o Espiritismo?”

Mas a ignorância imediatamente levanta a barreira do preconceito: “Espiritismo? É uma fábrica de loucos. Os espíritas têm a pretensão de conversar com os mortos!”

Há algum tempo, um crítico apressado proclamava que os espíritas têm o maior número de hospitais psiquiátricos do Brasil em virtude de um complexo de culpa. E explicava: “O Espiritismo faz os doidos; os Espíritas sentem-se na obrigação de curá-los!”

São comentários tolos e pretensiosos desta natureza que geram os preconceitos contra a Doutrina Espírita. Na realidade, se os espíritas se dedicam aos hospitais psiquiátricos é porque a maioria dos doentes mentais são simples vítimas de processos obsessivos (influência espiritual inferior), e, na medida em que se consegue associar-se • a Medicina ao tratamento espiritual, os índices de cura elevam-se consideravelmente, com perspectivas bem menores de recaída.

É comum, por exemplo, o alcoólatra sofrer várias internações em hospitais psiquiátricos tradicionais, com intermináveis reincidências. É que seu alcoolismo é de origem espiritual, mantido por espíritos obsessores. Quando estes são afastados, em hospitais onde há trabalhos de desobsessão, a cura faz-se em definitivo.

Diante da barreira do preconceito, o médium em desequilíbrio procura o Espiritismo apenas depois de esgotar os recursos da Medicina e as frágeis possibilidades de sua religião. Mas o faz como Nicodemos, que procurou Jesus na calada da noite, com muito cuidado, temeroso de críticas. Recebe benefícios, supera o desajuste, aceita a realidade espírita mas, não raro, sente-se \ ici- lante diante dos horizontes mais largos que lhe são oferecidos e permanece preso aos estreitos limites de suas concepções religiosas. Assim como o mestre judeu que se maravilhou com Jesus, mas ficou no Sinédrio.

A mesma ignorância costuma erigir a torturante barreira do medo. São pessoas de extrema sensibilidade psíquica, mediunidade à flor da pele, que têm receio de revelar seus problemas aos familiares ou de procurar um médico, porque temem ser consideradas anormais. Atravessam existência atormentada, fechadas em si mesmas, revelando estranho comportamento, fruto de suas aflições íntimas, e submetendo-se a tensões violentas que as situam por criaturas inquietas e infelizes.

Mesmo entre aqueles que conseguem vencer o medo e o preconceito, a ignorância continua a fazer suas vítimas. São os eternos iniciantes do Espiritismo, que frequentam sessões teóricas e práticas durante meses, sem maior interesse que o de receber ajuda, descuidados do estudo e da necessidade de disciplinar seu comportamento.

Sentem-se ligados ao centro espírita apenas na medida em que colhem benefícios. Se surgem desajustes físicos ou psíquicos não debelados prontamente, mostram-se vacilantes e partem à procura de um centro “mais forte”, de um curador “mais eficiente”, de uma prática mediúnic “mais poderosa”, situando-se indiferentes diante da barreira da superficialidade.

A disseminação do conhecimento espírita, pela veiculação do livro, a promoção de palestras, a distribuição de mensagens e outros recursos de divulgação, bem como a centralização de esforços em torno do estudo no centro espírita, surgem, assim, como iniciativas indispensáveis, a fim de que possamos vencer a ignorância e derrubar as barreiras, oferecendo à multidão perplexa, ante as manifestações de seu psiquismo desajustado, condições para fazer da mediunidade o que ela deve ser — uma abençoada ferramenta de trabalho e aprimoramento espiritual — a fim de que não se transforme em contundente instrumento de dor, habilmente controlado pelas sombras.

## Sintonia mediúnica

Quando nos interessamos pelo estudo da mediunidade, logo chegamos a duas conclusões evidentes:

*Primeira:* Somos todos médiuns. A mediunidade não é simplesmente um dom outorgado a determinadas pessoas. Trata-se, isto sim, de uma faculdade inerente à criatura humana; uma espécie de sexto-sentido, que nos habilita ao contato com os Espíritos, embora nem todos tenhamos suficiente maturação psíquica para atuar como seus intérpretes.

*Segunda-* Somos todos médiuns mais ou menos perturbados, assediados sem tréguas por Espíritos viciosos e desequilibrados. Evidencia essa condição a nossa incapacidade de cultivar apenas bons pensamentos e de manter a serenidade e o discernimento em qualquer situação, o que nos coloca à mercê de influências espirituais inferiores, a provocarem males que nos afligem.

Resta saber se a nossa conduta está contribuindo para agravar ou eliminar tais desajustes, já que a nossa associação com os Espíritos está subordinada ao fator sintonia. De acordo com o que pensamos, falamos e fazemos, criamos determinado padrão vibratório que nos liga a entidades empolgadas pelas mesmas motivações.

Infelizmente, raras pessoas cultivam uma sintonia vibratória positiva. Raros vivem como *Espíritos encarnados*, conscientes de que a existência ultrapassa as fronteiras do túmulo e que, além delas, está nossa pátria verdadeira, em função da qual a vida na Ter-

ra deve ser um permanente preparo. Mesmo os que aceitam a imortalidade se comportam como simples *seres mortais de carne e osso*, envolvidos por imediatistas, com total descaso pela economia da Alma. Proceder desta forma é alimentar a perturbação.

Observemos os centros de interesse humano. Nos grupos que se reúnem em casa, na rua, nos setores profissionais, nas festas mundanas, dificilmente surpreenderemos alguém abordando assuntos edificantes, que digam respeito às normas do bem-viver, à Higiene Mental, à Arte, à Filosofia, à Ciência, à Religião...

Os temas abordados, em esmagadora maioria, são sempre os mesmos, com irreprimível insistência: futebol, polícia, televisão, modas, negócios, dinheiro, sexo, observada de preferência a an- gulação menos edificante, resvalando fácil para a maledicência, revelando-se amorais e não raro imorais, com total perda de tempo e com prejuízo para a economia psíquica.

Nosso problema fundamental é o de aprendermos a colocar os valores em seus devidos lugares, vencendo tendências inferiores que nos prendem a expressões nem sempre edificantes da vida material, desenvolvendo a vocação para o Bem e ensaiando reflexão, o esforço por compreendermos melhor as circunstâncias em que a Vida nos situou e o que ela espera de nós.

Dentre as atividades que interessam a nossa economia íntima, destaca-se o convívio com o Evangelho, a exprimir-se em permanente exercício de assimilação e vivência de seus ensinamentos. Usando-o como medida de nossos interesses e ações, estaremos fazendo sempre o melhor.

Todavia, o alcoólatra somente procura água quando a intoxicação é muito forte. Usa-a como remédio, não como alimento. O mesmo acontece com a maioria dos cristãos de sempre. Procuram o Cristo apenas quando seus males se lhes afiguram intoleráveis, dispostos a voltar à inconsequência costumeira tão logo encontrem algum equilíbrio.

Não se pode negar que tem havido, na atualidade, um esforço em setores avançados das religiões tradicionais, no sentido de aproximar os fieis de Jesus, ensaiando um renascimento do primitivo espírito cristão, a fim de lhes dar condições para resistirem à conturbação e às perplexidades próprias desta fase de grandes transições.

Entretanto, ensaia-se uma religiosidade às avessas, pois ao invés de procurar-se elevar os fieis à vivência de Jesus, tenta-se muito mais rebaixar Jesus à vivência dos fieis. Os círculos religiosos são invadidos pelo mundanismo. O estudo evangélico em família transforma-se em reunião social. Jesus não é mais o Senhor respeitável, mas o Chefão. E agora, por irreverência de au- tores teatrais interessados em explorar esta onda de pseudo- religiosidade, os palcos nos mostram Jesus como superastro, em espetaculosa apresentação.

Por isso, não obstante o respeito que nos merecem todas as manifestações de religiosidade, reconhecemos na Doutrina Espírita um movimento de vanguarda pela espiritualização do Homem, oferecendo-nos uma visão mais ampla da realidade e permitindo-nos sentir em Jesus não simplesmente o médico que cura nossos males ou o amigo que nos ajuda nas horas difíceis, mas, sobretudo, o Mestre, que pregou com a excelência do exemplo a necessidade de renunciarmos a nós mesmos, para que encontremos no esforço do Bem e da Virtude o caminho de nossa renovação.

A palavra edificante, a abordagem de assuntos nobres, o cultivo da oração, a alegria sadia, o otimismo contagiante... Interesse centralizado na ação construtiva, pensamento voltado para o Alto, mãos servindo, coração ensaiando amor, cérebro aberto ao aprendizado incessante, são recursos com os quais a Doutrina Espírita nos convida a aproveitar o tempo, valorizando nossa passagem pelo Mundo.

Então estaremos livres de perturbações e em condições de melhorar a Vida, onde estivermos.

## Desajuste mediúnico

Diante de pessoas portadoras de enfermidades récalcitrantes, dessas que costumam resistir aos mais severos tratamentos, é comum ouvirmos espíritos bem intencionados, porém, mal avisados, informando: “É mediunidade! Você precisa frequentar reuniões mediúnicas e desenvolver-se transmitindo manifestações espíritas, para que possa readquirir o equilíbrio.”

Em princípio está certo. Todos somos médiuns, pois somos todos sensíveis à influência dos Espíritos, aos quais nos ligamos de conformidade com a chamada sintonia psíquica, que é estabelecida pela natureza de nossos sentimentos e interesses íntimos.

E como o discernimento e a reflexão, o trabalho disciplinado e o esforço de auto-renovação, fatores de sintonia com as forças do Bem, são ideais muito comentados mas pouco observados, é natural que sejamos acometidos pelos mais variados males, que nada mais representam do que o resultado de uma autêntica intoxicação espiritual, fruto de nossa ligação com as sombras.

Todavia, daí ao afirmar-se que, diante da moléstia difícil ou da perturbação espiritual, o paciente deva sentar-se junto à mesa de trabalhos mediúnicos, exercitando suas faculdades psíquicas, há uma diferença muito grande. Há casos em que, devido ao depauperamento físico e à influência espiritual inferior, ele sofre uma superexcitação dos sentidos que o faz ver, ouvir e sentir o mundo espiritual. É um fenômeno mediúnico, sem dúvida, mas que tenderá a desaparecer com a recuperação do paciente, desde

que não se trate de alguém com compromissos mediúnicos, *e isso somente o tempo dirá*.

Por isso, não se pode dizer, em sã consciência, que para libertar-se de seus males o doente precisa atuar como médium, na forma exposta. A providência inicial será submeter-se ao tratamento espiritual, na base de passes magnéticos, oração, frequência às reuniões doutrinárias, estudo dos princípios da Terceira Revelação. E, com todo o empenho de que seja capaz, procurar um comportamento melhor, reconhecendo que a maioria de seus males representam simples consequência de gritantes falhas na sua maneira de agir e pensar. Todo processo obsessivo tem suas origens em algo errado que fizemos ou estamos fazendo. São as brechas que abrimos para infiltração das sombras. Quanto mais intenso e sincero o esforço do paciente neste sentido, mais amplas suas possibilidades de liberação e cura.

Há dirigentes espíritas de boa-vontade mas pouco discernimento, que colocam o paciente junto à mesa de trabalhos mediúnicos e o induzem a transmitir a manifestação dos Espíritos, inspirados na errônea ideia de que esta providência lhe garantirá a recuperação em breve tempo.

Mas como pode ser isso possível se, embora sob a influência dos Espíritos, ele não possui aquela sensibilidade especial que o habilitaria ao intercâmbio com o Além? Induzido pelo dirigente, transmitirá uma manifestação ilusória, nada mais que simples sugestão, em bases de transe hipnótico.

Ainda que se trate de médium autêntico, é preciso cuidado. Com o físico depauperado, sem o necessário ajuste psíquico, será contraproducente sua atuação. Suponhamos que temos um rádio que por um defeito qualquer, capta apenas uma emissora. Por mais que movimentemos o “dial” ou mudemos a faixa de onda, ouvimos a mesma estação, levamo-lo ao técnico. Este troca válvulas, modifica o amplificador, aumenta o número de condensadores, coloca um alto-falante maior, mas esquece-se de eliminar o defeito. Resultado: o rádio fica mais possante e sensível, mas continua transmitindo apenas aquela emissora. O mesmo acontece com o médium incipiente levado à prática mediúnica. Sua atuação, sem preliminar retificação de distúrbios psíquicos, próprios da eclosão de mediunidade, apenas acurará sua sensibilidade, habilitando-o a receber com maior intensidade as influências espirituais que o afligem.

Há que se considerar ainda a necessidade de preparo. Que dizer daquele que, sentindo vocação para a Medicina, se ponha a diagnosticar e receitar, sem passar pelo curso superior? Ou que tendo facilidade para o desenho pretenda projetar arrojadas construções, sem a mínima noção de Arquitetura?

E como pode o médium ser útil aos Espíritos, sem conhecimento dos processos de intercâmbio, sem cultura espírita, sem educação mediúnica? Ele não é simples telefone. É muito mais um intérprete, cuja atuação está subordinada aos valores morais e intelectuais que consiga desenvolver, inspirando-se na disciplina e na perseverança.

Disciplina que se manifesta na observância de horários, na noção de responsabilidade, no cumprimento das tarefas de aprendizado e participação que lhe são confiadas no agrupamento espírita em que está integrado...

Perseverança com que procura vencer suas tendências menos felizes, trabalhando por ligar-se aos mensageiros do Bem, a fim de que não seja vítima dos que se comprazem no Mal.

## Contradição

Alfa e Ômega da existência humana, nascimento e morte não representam, para o Espírito, nem o começo nem o fim da vida. São apenas marcos do caminho, na grande jornada rumo à Perfeição.

Ambos se equivalem em importância, embora, sem dúvida, o segundo evento deva ser o mais auspicioso, porquanto se o nascimento è o confinamento por tempo determinado na estreita e tormentosa prisão de carne, a morte é a libertação, o regresso à amplidão...

Todavia, a criatura humana comporta-se contraditoriamente em relação a esses dois acontecimentos. Enquanto o ingresso do Espírito na matéria è extremamente favorecido pela feliz expectativa dos familiares, o mesmo não ocorre quando, cumprido seu tempo na Terra, prepara-se para voltar à Espiritualidade. Então se defronta com lamentações amargas e até mesmo o desespero dos que ficam, os quais, inconformados com a separação, encarnam a Morte como autêntica tragédia.

Aqueles que assim se comportam diante da Mensageira da Libertação, oferecem a curiosa visão de suas esferas de ação em comportamento antagônico.

Gente da Terra derramando rios de lágrimas, exercitando fé não como submissão à vontade de Deus, mas como última esperança de que o Céu promova o milagre de recuperação...

Gente do Céu trabalhando por um objetivo mais nobre e realístico em relação às necessidades da Terra, ajudando o doente a libertar-se dos derradeiros laços que o prendem à vida material...

No entanto, os familiares, egoisticamente, recusam-se a aceitar a separação, envolvendo-o em vibrações, sem nenhum outro resultado senão o de prolongar-lhe a agonia.

É então que, procurando modificar a situação, de forma a trabalharem com menos embaraço, os Espíritos promovem, através de recursos magnéticos, breve melhora no quadro clínico do paciente. Mais tranquilos, em face da reação inesperada, os familiares relaxam a vigília e afastam-se do leito.

Esta providência geralmente é levada a efeito durante a noite. E quando o doente fica sozinho, os Espíritos agem rapidamente e completam o processo desencarnatório. O próprio médico comentará: “Pensei que fosse recuperar-se!” E o povo proclamará: à “Foi a melhora da Morte!”

Enquanto as ligações afetivas na Terra se inspirarem em sentimentos de exclusivismo e posse, sem respeito pelas necessidades e opções do outro, observaremos as contradições da Morte, obrigando dedicados amigos da Espiritualidade a ingentes esforços para neutralizarem as dificuldades criadas por prisioneiros da carne descontentes, que se opõem à libertação do companheiro.



## Problemas de adaptação

O fenômeno da Morte, a grande transição, envolve uma série de problemas que o homem comum está longe de imaginar.

As dificuldades começam com o desligamento dos laços fluidicos que o prendem ao corpo. Técnicos da Espiritualidade encarregam-se desse trabalho, mas somente o completam depois que o desencarnante consegue superar as impressões mais fortes da vida física. Quanto mais apegado ele estiver à família, aos negócios, aos vícios, mais demorada a libertação. Quanto mais envolvido se mostrar pelos interesses terrestres, mais difícil a reintegração na pátria espiritual.

Há Espíritos evoluídos que, em face de uma vida de virtude e dedicação ao Bem, conseguem um desprendimento rápido, chegando mesmo a acompanhar o enterro de seus despojos carnis, numa derradeira homenagem à máquina que serviu de instrumento sagrado para suas experiências na Terra.

Mas há também aqueles que o fazem compulsoriamente. Que seguem o próprio féretro, não em sinal de respeito pelo corpo agora inerte, mas por tê-lo desrespeitado numa existência de desregramentos e inconseqüências... Não raro, ficam semanas e até meses ligados à carne, e podemos imaginar o horror de alguém que se vê preso a um cadáver em decomposição, na lúgubre paisagem do cemitério, sufocado por odores fétidos e experimentando, por um fenômeno de percussão psíquica, sensações terríveis relacionadas com o banquete dos vermes.

Há um problema ainda mais grave, que é o da alienação. Interesse centralizando na vida terrestre, o indivíduo regressa à realidade espiritual apegado à ilusão da matéria, comportando-se como um doente mental incapaz de reconhecer a própria situação.

É muito comum Espíritos desse teor manifestarem-se em reuniões mediúnicas, empolgados por problemas familiares, negócios e outros assuntos que centralizam seus desejos e emoções na vida física.

Eles podem ser beneficiados com o envolvimento de nosso carinho, em vibração de prece e simpatia, e também pela palavra confortadora e segura de alguém que lhes dirija a palavra, predispondo-os a uma mudança de atitude íntima, a fim de que possam ser recolhidos em instituições socorristas do Plano Espiritual, onde se recomponham e sejam esclarecidos a respeito da nova situação. Mas a experiência demonstra que o despertar do Espírito para a realidade do Além está essencialmente subordinado à intensidade de suas impressões relacionadas com a existência terrestre. Há Espíritos tão apegados à matéria que simplesmente se recusam a reconhecer sua nova situação, como o doente que insiste nas fantasias que o situam em alienação.

Daí aprendermos, com a Doutrina Espírita, ser indispensável que cultivem o preparo para a Morte, encarando cada dia na Terra como se fosse o último, usando-o, portanto, da melhor forma possível, em termos de aprendizado e dedicação ao Bem.

O Espiritismo é o bê-a-bá, a alfabetização de nossa Alma em relação a estas questões tão importantes, representando, ao mesmo tempo, uma advertência severa para que não nos deixemos dominar pelos interesses imediatistas, vendo na Terra, acima de tudo, uma escola bendita onde somos convidados a disciplinar a inteligência e ajustar as emoções, no caminho da Sabedoria e da Virtude, a fim de que a morte não nos imponha dolorosas surpresas.

## Além das nuvens

Perante o numeroso auditório, trazendo nas mãos enorme quadro, levantou-se o orador. Tirou a caneta do bolso, e, com ligeiro impulso, derramou uma gota de tinta sobre a tela virgem. Em seguida, colocando o quadro à vista de todos, perguntou a um dos presentes:

— O que vê o senhor?

— Uma mancha negra.

Repetida a interrogação a outras pessoas, a resposta veio, invariável: todos enxergavam o sinal de tinta.

— Muito bem! — continuou o orador. — Numa tela de tão vasta proporções os senhores identificaram apenas o minúsculo ponto negro!

E com estas palavras iniciou uma preleção sobre a pernicioso tendência das criaturas humanas em se preocuparem com as pequenas coisas, relegando a plano secundário aquelas realmente importantes, que deveriam merecer o máximo de sua atenção e interesse.

É o que ocorre em relação aos acontecimentos de nossa existência. Se bem analisarmos, verificaremos que em todas as situações há múltiplas razões para nos mantermos otimistas, confiantes e fortes, sem ensejo para nenhum sentimento negativo.

A enfermidade pode perseguir-nos; dificuldades podem surgir com relação ao presente e dúvidas quanto ao futuro.

Mas que representam tais males diante da bênção da Vida e do Amor de Deus?... Não serão meras insignificâncias ante o conforto da prece, a luz do conhecimento espirita, a alegria de dar, o privilégio de servir? Não serão apenas pálidas nuvens que passam breve, diante da bondade de Jesus, o Pastor Bendito que nos conduz ao Redil Divino, sem abandonar-nos, jamais, mesmo quando O esquecemos?

Infelizmente, tão confortadoras realidades parecem ignoradas, pois nossos olhos se voltam com frequência para as expressões efêmeras da vida transitória, onde desenvolvemos ingentes esforços para sermos felizes e colhemos apenas decepções, o que é natural, pois a Felicidade é uma construção grande demais para ser edificada sobre meras ilusões!

Insistindo em semelhante pretensão, acabamos por anular qualquer princípio de visão espiritual e passamos a enxergar, nas lutas e limitações da Terra, não meios de progresso e recursos de resgate e, sim, execráveis obstáculos que se renovam, interminavelmente, contrariando nosso anseio de ventura.

E tamanha atenção damos, então, às pequenas nuvens que surgem no céu de nossa existência que, aos nossos olhos, elas assumem características de tempestades violentas que escurecem todos os horizontes, precipitando-nos na noite negra do desequilíbrio!

Que são os desajustes mentais e físicos que afligem considerável parcela da Humanidade, senão 6 lamentável resultado da inconformação diante da dor? da irritação diante das situações difíceis? da revolta diante da adversidade? do temor diante do futuro?

Há criaturas na Terra, raras e felizes criaturas, que sabem contemplar o Infinito e sentem a presença de Deus; que pouca atenção dão às nuvens, porque seus olhos buscam as estrelas. Com elas se dá um fenômeno oposto; tão interessadas estão em encarar a Vida com serenidade, alegria e fé, inspiradas em nobres ideais de imortalidade e progresso, que, mesmo quando as mais negras nuvens encobrem o firmamento, continuam a ver estrelas!

Apedrejado por populares exaltados e atirado ao monturo, Paulo de Tarso prosseguiu, indômito, a jornada de pregação evangélica, porque seu Espírito vibrava no sagrado idealismo de universalização dos princípios cristãos!

Condenados às feras famintas no Circo Romano, na exaltação da maldade, milhares de seguidores de Jesus marchavam sem temor e sem lamentos, entoando hinos de louvor ao Mestre Supremo, porque tinham a convicção de estar testemunhando a sua fé!

Submetido voluntariamente às agruras da pobreza, na exemplificação da Humanidade, Francisco de Assis convertia dores e dificuldades em cânticos de amor e trabalho, porque via Deus em todas as manifestações da Natureza!

As experiências daqueles heróis foram momentos grandiosos do Espírito Humano, porque, orientando seus olhos em direção às luzes do Céu, permanecia em seus corações a inesquecível exortação do Mestre Excelso:

“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua Justiça, e tudo mais vos será dado por acréscimo!”

## Positivo, negativo

Quatro visitantes de uma entidade assistencial batem à porta de humilde residência, situada em bairro distante. Uma senhora vem atender. Caminha com dificuldade, o que è natural, pois durante alguns anos esteve com as pernas paralisadas.

— Tudo bem, dona Marcelina?

— Tudo bem, graças a Deus!

Seu sorriso è largo e feliz. Não se limita ao aperto de mão. Abraça a todos, carinhosamente, perguntando pelos familiares. Embora sabendo que ela enfrenta enormes dificuldades materiais e padece dores frequentes, remanescentes de longa enfermidade que a manteve presa ao leito, eles não surpreendem nenhuma mágoa em seu luminoso olhar nem ouvem de seus lábios queixa alguma. A conversa desenvolve-se durante minutos, plena de risos e comentários edificantes, após o que è pronunciada a oração e aplicação na convalescente do passe magnético, ao qual ela se submete com contrição.

— Até logo! Dona Marcelina.

— Até logo! meus filhos... Deus os abençoe!

Ao deixar aquele lar, sentem, invariavelmente, os visitantes, que não levaram conforto — foram confortados. E se alguma ajuda material e espiritual proporcionaram àquele valoroso Espírito de mulher, receberam muito mais, diante de seus exemplos de coragem e fê em face às lutas da existência.

Uma hora mais tarde, entram em outra residência, no mesmo bairro. Aproximam-se de uma senhora presa ao leito e repetem a saudação:

— Tudo bem, Dona Joana?

A resposta è desanimadora:

— Vou mal, muito mal!

E desfilam as queixas. Sente mais dores e invencível mal-estar! O filho a desrespeita! A filha não cuida direito da casa! O marido, do qual está separada, não lhe enviou a escassa mesada! A despensa está quase vazia! A cada pergunta formulada, ela transforma a resposta em reclamação contra alguém, contra sua situação, contra a Vida...

— Dona Joana, a senhora tem lido tanto!... Conhece o Espiritismo! Sabe que todos temos a nossa cruz! É preciso ter coragem e confiança... 'A inconformação e o mau-humor nada edificam — apenas tornam mais pesadas nossas provações, multiplicando sofrimentos...

Sua resposta è invariável, espécie de cacoete verbal de quem se habituou a considerar-se vítima:

— Falár è fácil! Vocês fazem esses comentários porque não estão na minha situação!...

Após alguns minutos de palestra, na ingrata tarefa de tentar modificar suas disposições mentais, è realizado o trabalho do passe e, em meio de novas reclamações, despedem-se os visitantes.

Lamentando as dificuldades criadas pela própria paciente no sentido de alcançar algum conforto e curar-se, automaticamente o grupo estabelece comparação entre os dois casos, tão idênticos e ao mesmo tempo tão diferentes!

Ambas eram paráliticas há alguns anos, quando começaram a receber o tratamento espiritual, complementado por medicamentos homeopáticos. Marcelina está quase curada, enquanto que Joana experimenta apenas alguma melhora.

Talvez seja uma questão de prazo expiatório. A primeira chegou ao fim da provação; a segunda ainda possui débitos. A hipótese è razoável, mas è preciso considerar que Marcelina atenua e abrevia seus padecimentos, enquanto que Joana os acentua, com sua atitude negativa, empolgada por autêntica volúpia de sofrer.

O tratamento aplicado è extraordinariamente eficaz com Marcelina, enquanto que proporciona fração mínima de conforto a Joana, pois esta não tem nem procura ter as condições de receptividade e de sintonia com a Espiritualidade Maior, fatores indispensáveis para que receba os recursos terapêuticos que lhe são ministrados.

Há outro aspecto importante: a jovialidade e o bom ânimo que caracterizam Marcelina não são fruto da graça que recebeu nem consequência da melhora de seu estado, pois mesmo quando permanecia acamada sua atitude era essa. Sempre soube manter o sorriso franco, fazendo silêncio sobre dores e contrariedades. E hoje, como ontem, sua casa è frequentada por vizinhos e amigos que não a deixam só. Todos a procuram, empolgados pelo calor de sua acolhida e pela força de seu exemplo.

Quanto a Joana, desencoraja visitas; não tem amizade com os vizinhos e torna extremamente difícil qualquer tentativa de ajuda ou orientação. Sente-se infeliz e faz questão de que todos saibam disso.

Fácil concluir que a Felicidade ou a infelicidade não são estados de ânimo circunstanciais, condicionados a flutuações exteriores. Felicidade ou infelicidade são realizações pessoais e íntimas, inspiradas no rumo que imprimamos à nossa vontade.

E sendo a dor um instrumento indispensável de progresso no estágio evolutivo em que nos encontramos, è preciso que busquemos uma coexistência pacífica, aceitando com humanidade suas lições. Podemos ser menos felizes com a dor, mas seremos decididamente infelizes se brigarmos com ela.

## A formula ideal

Poderíamos definir a perturbação como aquela posição de ânimo desajustado, em que o indivíduo não consegue manter a estabilidade emocional e mental, resvalando para a tristeza, o pessimismo, o desânimo, a agressividade ou qualquer outra reação negativa, de conformidade com as circunstâncias.

Embora sendo um problema de sempre, na personalidade humana, manifesta-se na época atual de forma mais intensa, afligindo grande número de pessoas.

Afirmam os psicólogos que isso é natural, porquanto a mente humana não está preparada para enfrentar o ritmo acelerado e complexo da vida atual, em que é pressionada de duas formas:

De um lado os problemas de subsistência, no setor profissional e social, onde há um regime de competição acirrada, em que somente os mais fortes e mais capazes alcançam segurança e conforto. Na selva sombria desse relacionamento inspirado no egoísmo, os que “estão por baixo” se alimentam de frustrações e recalques, enquanto que os aparentemente triunfantes permanecem derrotados pela eterna insatisfação.

Por outro lado há a perplexidade e a dificuldade de adaptação diante das transformações profundas que envolvem as relações humanas, com a queda de tabus como o do sexo, da servidão feminina, da autoridade paterna, dos dogmas religiosos, marcadas por excessos próprios de impulsos longamente contidos e ora liberados.

E tudo está acontecendo depressa demais. A mente humana sente imensa dificuldade para ajustar-se ao novo mundo que se delineia, qual um computador incapaz de dirigir uma programação contendo informações acima de sua capacidade de assimilação.

O resultado è a perturbação, não apenas no sentido de desajuste emocional e mental, mas também reflexa, atingindo a estabilidade física e originando males que se sucedem, intermináveis.

A tendência dos médicos, na atualidade, é a de prescrever não mais medicamentos específicos para males visíveis — uma tosse impertinente, um distúrbio circulatório, um problema de digestão — e, sim, tranquilizantes, considerando que o paciente está sofrendo as consequências do excesso de preocupações e problemas, geradores dos males que o oprimem.

Há um outro fator, muito importante, que fez parte desse quadro. É que o homem è mais sensível hoje, com a maturação de suas faculdades psíquicas, e a Mediunidade, porta de contato com o Mundo Espiritual, pela qual deveria ser sustentado e amparado para um comportamento seguro, nesta fase de transição, está sendo invadida por Espíritos rebeldes, desajustados e agressivos.

Por que? Porque cultivando uma visão deformada de realidade; perseguindo a Felicidade em termos de realização humana, no campo da ambição e do prazer; limitando seus interesses à vida material, a criatura humana, situa-se num padrão vibratório muito baixo, à mercê desses marginais da Espiritualidade.

Os tranquilizantes ajudam; o passe, a água fluidificada e o socorro dos amigos espirituais também são eficientes. Todavia, o problema fundamental de nosso ajuste íntimo, para que nos libertemos da perturbação, não pode ser resolvido nem pela medicina da Terra, nem pela medicina do Céu.

Isto porque é um problema pessoal e somente nós poderemos solucioná-lo, considerando que nossos males não são motivados pela agitação exterior. Eles nascem do interior. Não è o que está acontecendo no mundo que nos perturba e, sim, a nossa visão do Mundo. A fórmula ideal exprime-se numa única palavra: simplificar.

Simplificar a atividade profissional, tirando de nossos ombros a pesada carga das ambições, principalmente aquela tão con- tagiante que assume características de verdadeira epidemia: a consolidação de uma situação financeira ideal, que leva pessoas a se multiplicarem em atividades e empreendimentos, empolgadas por acirrada concorrência, em que a casa e o automóvel deixaram de ser meros recursos de abrigo e locomoção, transformando-se em fatores de auto-afirmação, tanto mais eficientes, quanto mais caros e luxuosos...

Simplificar nossas relações sociais e familiares superando ressentimentos, mágoas, irritações e aversões, resultantes da eterna mania de exigirmos muito dos outros, quando nos è lícito e necessário exigir muito apenas de nós mesmos...

Simplificar nossos prazeres, respeitando o corpo, como vaso sagrado que nos foi confiado por Deus, e o semelhante como nosso irmão, estabelecendo as relações afetivas em bases de sinceridade e desprendimento, reconhecendo que ninguém violentará sentimentos alheios sem complicar o próprio destino...

Simplificar a Vida, conscientes de que estamos na Terra de passagem. Nossa pátria é o Plano Espiritual. A existência carnal é o meio para atingirmos um único fim: nossa renovação íntima. Mas se transformarmos a experiência humana num *fim em si*, fazendo nossos interesses e atividades girarem em torno do que possamos edificar para nós no Mundo, então estaremos tão desajustados quanto os desajustes do Mundo.

Na medida em que aumentarmos nossos patrimônios de Espiritualidade, a riqueza do Espírito, que se exprime nos valores do Bem e da Virtude, estaremos no caminho seguro para a realização de nossos anseios mais íntimos de felicidade, em clima de paz.

## Responsabilidade dividida

A jovem é seduzida e abandonada pelo rapaz. Desprezada pela família, termina na prostituição. Após alguns anos de vícios e degradação, suicida-se.

Em breves palavras, temos aqui uma situação repetida indefinidamente, desde que o ser humano começou a viver em sociedade, e que se repetirá sempre, até que aprenda a respeitar-se e a respeitar o próximo.

Na desdita desta jovem não há nenhum problema cármicos. O impulso mal orientado de afetividade e prazer levou-a aos excessos que culminaram na sedução. A prostituição foi escolha sua, a melhor maneira que encontrou para resolver seus problemas. Na verdade, apenas os complicou, pois a chamada “vida fácil” é tão somente uma lamentável semente de males, em clima de intranquilidade e frustração.

Alguém perguntaria: “Não seria a prostituição uma prova ou expiação para o Espírito? Não haveria determinadas circunstâncias em que a mulher fosse levada ao comércio do próprio corpo por ter dívidas do passado a serem resgatadas?”

A resposta, obviamente, é: “Não! semelhante ideia implicaria em admitir-se que o Espírito reencarnasse destinado a tais desvios; que Deus os impusesse como recurso de reajuste. A prostituição é sempre um desastre, nunca um caminho!”

Alguém objetaria: “Há jovens que se prostituem porque passam fome, juntamente com a família. Jovens que devem cuidar de pais idosos e irmãos menores.”

São belas palavras, inspiradoras de romances vibrantes, mas estão longe de exprimir a realidade. A prostituição é antes manifestação de fragilidade moral, distanciada da coragem e do espírito de sacrifício que caracterizam verdadeiras heroínas do lar, que se empenham em empregos modestos, garantindo com abençoado suor o sustento da família.

Embora a jovem seja vítima principalmente de si mesma, em virtude de seus desvios voluntários, há no caso o problema da responsabilidade dividida. No livro “Sexo e Destino”, o Espírito André Luiz reporta-se à questão, demonstrando que o indivíduo que seduz uma jovem, iludindo-a com promessas e mentiras, para depois abandoná-la à própria sorte, passa a ser co-responsável nas loucuras que ela venha a cometer. O rapaz que a envolveu, empolgado pela busca de sensações, deu o impulso inicial que a levou a tortuosos caminhos.

Os pais, por sua vez, ao expulsarem a filha de casa, inspirados em absurdos preconceitos, simplesmente se furtaram aos seus deveres. A paternidade é um compromisso muito sério diante de Deus.

Se um filho adoce fisicamente, os pais excedem-se em carinho, permanecem noites em claro, vigilantes... Desdobram-se e não se sentem tranquilos enquanto o mal não seja debelado. No entanto, há um mal maior, que costuma despertar neles não a diligência, o cuidado e, sim, a indignação e a revolta. É a enfermidade da Alma. É quando o filho se comporta de forma desajustada, comprometendo-se no vício e na rebeldia.

Esse tipo de doença é muito grave e, se não souberem usar a medicação da prece e da compreensão, fazendo o filho sentir que, apesar de tudo o amam e o aceitam, ninguém poderá prever a extensão de suas loucuras, em quedas desastrosas.

As personagens de nosso drama fatalmente estarão reunidas em existência futura. A jovem ressurgirá com grandes problemas de ordem mental e física, resultantes de seus desatinos do passado, sobretudo o suicídio. Os pais fracassados de hoje repetirão, talvez, a experiência junto à filha. O sedutor poderá ser seu irmão. E todos farão girar suas vidas em torno dela, pois este será o seu compromisso maior.

Dentro das alternativas apresentadas pelas Leis Divinas, é possível que o reencontro da jovem com o sedutor ocorra nas experiências do casamento. Ela, uma esposa neurastênica, doente, atribulada... Ele, se desperto para a responsabilidade, cuidando dela com sofrida dedicação, indelevelmente fixado a deveres assumidos perante a Espiritualidade, em relação à vítima do passado. ,

Nessa provável experiência futura, para muitos ele será um infeliz, atrelado a matrimônio desajustado. E se a esposa desrespeitar o lar, partindo para aventuras, partindo para aventuras do sexo, muita gente ferina e inconsequente usará adjetivos maliciosos e pejorativos para situar sua condição de marido traído. No entanto, diante de Deus será apenas alguém que resgata seus débitos e se prepara para ajudar a companheira do pretérito a vencer as tendências inferiores que ele mesmo contribuiu para que medrassem no íntimo de sua personalidade.

Nessas visões do Infinito que a Doutrina da Reencarnação nos oferece, permitindo-nos compreender as consequências de nossas ações e a origem de nossos males, encontramos a manifestação da Sabedoria Divina, que corrige nossos impulsos inferiores, preparando-nos para um futuro de bênçãos.

A Doutrina da Reencarnação é a chave mágica que equaciona o quebra-cabeça da Vida, inspirando-nos o necessário respeito por nós mesmos, pela dignidade de nossa condição de filhos de Deus e, sobretudo, respeito pelo próximo, seja quem for, reconhecendo que todo mal que estendamos a alguém representará sempre uma semente voluntária de espinhos, que obrigatoriamente teremos que colher.

## Abençoado recomeço

Ano Novo! Vida nova!

No limiar de novo ano, muita gente estimaria iniciar realmente, uma vida nova, desligada de lembranças amargas.

O homem comprometido no crime que lhe tortura a consciência... O casal que acumulou tantas desavenças que tranbordaram na separação... Os pais penosamente arrependidos pela omissão que resultou o filho delinquente... A jovem iludida em suas esperanças pela rapaz que a desrespeitou...

Ah! Se fosse possível passar uma esponja sobre o passado e recomeçar!...

Com intensidade bem maior, ante as realidades de além- túmulo, o Espírito desencarnado experimenta este anseio. Efetuado o balanço de sua passagem no mundo, ele sente o peso de suas faltas, a atormentá-lo sem tréguas, situando-o à maneira de enfermo inquieto e infeliz, inadaptado para a Vida Plena.

Manifesta-se a Misericórdia Divina oferecendo-lhe a volta às lides humanas, pela porta da reencarnação.

Enfrentará, na Terra, a colheita obrigatória do mal que semeou, a exprimir-se em lutas regeneradoras e sofrimentos redentores... Apresentará, não raro, limitações físicas e mentais que sofrerão tendências inferiores cristalizadas no íntimo de sua personalidade.... Conviverá, no âmbito familiar, com amigos e inimigos, consolidando laços de afetividade e desfazendo velhas aversões..

O esquecimento do pretérito funcionará por terapia de longo curso que lhe favorecerá a recomposição emocional e a renovação de ideias, a fim de que supere paixões e fixações que precipitaram seu desastre em existências anteriores.

Essa amnésia passageira, apresentada, frequentemente, como forte argumento contra a reencarnação, é, na realidade, uma concessão divina que permite ao Espírito abençoado recomeço, ajudando-o a buscar o futuro de bênçãos, sem perder-se no passado desombras.



## Comunhão com Deus

“Deus é Espírito, e em Espírito e Verdade é que O devem adorar os que O adoram.”

Quando Jesus fez esta afirmativa, no famoso colóquio com a mulher samaritana (João, capítulo 4?), falava do monte Garizim para a Humanidade de todos os tempos, oferecendo-nos a fórmula ideal para o encontro com Deus.

A expressão “em Espírito” significa que nossa comunhão com o Criador deve ser uma atitude íntima, espiritual, sem acessórios ou formalismos.

Os templos de pedra, as cerimônias do culto exterior, os rituais, usados como catalisadores de emoções a favorecerem a sagrada união, na realidade a limitam, porque são apelos dirigidos aos sentidos; podem impressionar pela pompa, pela solenidade, mas não atingem o íntimo e tendem a cair na rotina, quando perdem inteiramente o significado.

E quando Jesus completa dizendo “em Verdade”, revela que nossas relações com o Senhor devem ser inspiradas no esforço consciente por compreendermos sua manifestação no Universo e sua Vontade a nosso respeito. A Religião, por isso, não deve ser uma questão de crença, inspirada na tradição, mas uma busca constante pelos domínios da meditação, do estudo, do conhecimento.

O Espiritismo nos oferece, em seu tríplice aspecto — ciência, filosofia e religião — o roteiro a ser seguido.

Como ciência, comprova a sobrevivência, mostrando-nos o Espírito imortal e permitindo-nos definir as leis morais que regem o Universo.

Como filosofia, leva-nos a raciocinar em termos mais claros e amplos a respeito do destino humano, acalmando as inquietações de nosso coração.

Como religião, consequência da Filosofia, que explica a Vida, e da Ciência, que prova que a Vida não acaba, ensina-nos a procurar o Criador da Vida pelos caminhos da Fraternidade e do Amor, para encontrá-lo, finalmente, dentro de nós mesmos.

É por esta razão que o centro espírita não é uma igreja, na acepção usual do termo. Acima de tudo é uma escola, onde aprendemos a conceber por templo o Universo, a Casa de Deus que devemos respeitar para sermos filhos dignos de Nosso Pai e herdeiros dos patrimônios da Criação.

Por isso, costuma-se dizer que o Espiritismo não é simplesmente uma religião, mas a RELIGIÃO, o apelo maior do Céu à Terra, que fala ao entendimento para atingir o coração, preparando-nos para uma comunhão definitiva com Deus, “em Espírito e Verdade”.

## Religião Espírita

Calcula-se que pelo menos vinte por cento da população brasileira se compõem de espíritas. No entanto, em estatísticas oficiais esse número está longe de ser atingido, porque muita gente não considera o Espiritismo uma religião.

É comum, por exemplo, o “católico-espírita”. Frequenta os centros espíritas; habitua-se ao intercâmbio com o Além; recebe ajuda e esclarecimento; maravilha-se com as perspectivas amplas que a Terceira Revelação oferece. No entanto, tratando-se de concepção religiosa, declara-se católico. E quando lhe perguntam o porquê dessa contradição, responde com outra interrogação: “Espiritismo é religião?”

Essa dúvida é justificável. A palavra religião está associada ao culto exterior. Lembra imagens, santos, procissão, confissão, hinos, rezas, missas... Como o Espiritismo não tem esses acessórios, não é considerado religião.

Todavia o próprio Cristianismo primitivo, de onde brotaram as grandes religiões ocidentais, não possuía, na pureza do movimento inicial, nenhum formalismo. O batismo instituído por João, o Precursor, era simplesmente o marco de uma vida nova para o convertido, que, após confessar publicamente suas faltas passadas, se propunha ao esforço por fazer-se digno do Messias, que estava para chegar. A distribuição do pão e do vinho por Jesus, na última ceia, fora tão somente o símbolo de sua presença imanente sempre que os discípulos estivessem reunidos em seu nome.

Tornaram-se rituais pomposos e solenes porque se pretendia atrair os pagãos, que constituíam a grande maioria e eram muito sensíveis a tudo o que lhes impressionava os sentidos. A mesma motivação inspirou a assimilação de práticas pagãs, como a procissão e a entronização de imagens. A devoção aos santos nada mais foi que uma transposição dos deuses mitológicos para as igrejas, satisfazendo-se a vontade popular.

A religião (do latim *religare*, ligar ou religar) é o caminho para Deus. Todas as atividades humanas em torno desse objetivo são manifestações religiosas.

Cada religião faz o seu apelo com características próprias e os crentes ajustam-se de conformidade com a faixa de entendimento em que estagiam.

O homem primitivo cultuava Deus representado pelas forças da Natureza. A sua religião era o Sol, a Chuva, o Mar, o Vento... Sua religiosidade exprimia-se em danças, cantos, batuques, sacrifícios...

No judeu, que imolava o bode expiatório; no egípcio, que observava o aparato das cerimônias fúnebres; no grego que homenageava os deuses; no hindu, que cultua o boi; no protestante, que canta hinos; no católico, que se submete ao ritual da missa, temos manifestações religiosas.

O apelo do Espiritismo é diferente. Despido de fórmulas exteriores, ele dirige-se essencialmente à Consciência, fazendo a iniciação da criatura humana nos domínios da Espiritualidade Superior.

Diz Léon Denis:

“Tende por templo — o Universo; por altar — a Consciência; por imagem — Deus; por lei — a Caridade.”

Temos aqui, em poucas palavras, a essência dos postulados espíritas, convidando-nos a superar o acanhamento dos templos de pedra e o condicionamento do formalismo, para o cultivo de uma religiosidade verdadeira.



## A revolução definitiva

P. 803 — “Perante Deus são iguais todos os homens?”

“Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas Leis para todos. Dizeis frequentemente: “O Sol brilha para todos” — e enunciais assim uma verdade maior do que pensais.”

P. 806 — “É Lei da Natureza a desigualdade das condições sociais?”

“Não; é obra do Homem e não de Deus.”

(Livro dos Espíritos.)

As duas questões situam bem o problema das desigualdades humanas. Concebendo-se que Deus é a justiça perfeita, não poderia favorecer a nenhum de seus filhos.

Se há pessoas mais inteligentes e capazes é porque são Espíritos mais velhos e guardam um patrimônio maior de experiências. Desde que desfrutando do livre-arbítrio, a faculdade de decidir seu próprio destino, os Espíritos desenvolvem-se mais ou menos depressa, na medida em que aprendem a disciplinar seus impulsos e definir suas necessidades.

Ao proclamar que a desigualdade das condições sociais é obra do Homem e não de Deus, o mentor espiritual define com clareza o problema, já que são sentimentos como o orgulho, a vaidade e o egoísmo que geram os desníveis sociais, determinando a formação de autênticas castas, onde alguns têm todas as facilidades e privilégios, enquanto muitos são autênticos párias. A Justiça Divina simplesmente harmoniza a posição dos Espíritos que reencarnam, em relação à realidade terrestre, situando-os em classes sociais compatíveis com seu merecimento e aprendizado.

Estão em moda hoje as teorias socialistas, que pretendem um nivelamento social — ninguém tão rico nem tão pobre, dentro do princípio fundamental a determinar que os bens de produção, as riquezas geradas pelo trabalho, sejam propriedade comum, distribuída equitativamente à coletividade.

É um belo ideal, mas utópico, em que se encontra a Humanidade. Se por um prodígio qualquer fosse possível distribuir igualmente as riquezas do Mundo, em breve teríamos novos desníveis. Sendo a Terra um planeta habitado por Espíritos em diferentes estágios de evolução, os mais capazes não tardariam em desfazer o equilíbrio artificial, acumulando maior soma de bens.

Os socialistas mais impulsivos apregoam que para superar semelhante dificuldade é preciso alterar as estruturas sociais, criando-se condições para uma igualdade imposta.

Outra utopia, e esta é perigosa, porquanto seus defensores concluem sempre que o único caminho é o da revolução, em bases de violência. Com semelhante procedimento, apenas geram desequilíbrios mais acentuados para o futuro, em lamentáveis sementeiras de terror e subversão. E a tendência destes revolucionários, se vitoriosos, é a de formarem uma nova casta, poderosa e prepotente, negando suas próprias convicções e enterrando seus ideais.

É o que acontece em países como a China, a Rússia e Cuba, onde a exploração do homem pelo homem, segundo o conceito marxista, foi substituída pela exploração do homem pelo Estado. E onde os ricos cederam seus privilégios para os funcionários burocratas.

É preciso mudar, não as estruturas sociais, e, sim, o Homem, libertando-o daquela que é pior de todas as misérias: a miséria moral, representada por suas tendências inferiores, a situá-lo por eterno indigente da alegria e da paz.

E como conseguir isto? Pela violência? Obrigando o rico a dar parte do que possui ao pobre? Isto apenas agravaria o mal! Toda transformação, para ser autêntica, deve partir de dentro para fora, e não de fora para dentro. Deve representar uma decisão da consciência e não uma imposição de força.

Ninguém pode obrigar-me a ser fraterno. Se sou forçado a dividir o que tenho, converter-me-ei num insatisfeito, um rebelde em potencial, acumulando ressentimento e mágoa, que fatalmente transbordarão em novos desajustes no meio social. Mas se me convencer de que devo contribuir para o bem-estar da comunidade em que vivo, oferecendo meu trabalho e meus bens, então o farei espontaneamente, ensaiando desprendimento.

Para tanto, o único caminho autêntico, sem enganos, é o da Educação. .

Quando o rico compreender que a riqueza que está em suas mãos não lhe pertence, porque tudo é de Deus, a Quem deverá prestar contas um dia... Quando sentir que todo patrimônio retido em benefício próprio, acima do razoável, é bem iníquo, tanto mais comprometedor quanto maior o número de seres humanos ao seu alcance que carecem do elementar para uma existência digna...

Por outro lado, quando o pobre admitir conscientemente que sua posição social não é decorrência de mero acaso de nascimento, mas um imperativo de experiência e resgate, na dinâmica da Reencarnação, que compõe o quadro de cada existência segundo as necessidades do Espírito que regressa à carne... Quando sentir que não é um infeliz condenado a uma existência inteira de privações e males e, sim, um filho de Deus, dotado de suas potencialidades criadoras que o ajudarão a encontrar um lugar ao sol, desde que faça uso delas...

Então, não teremos mais ricos nem pobres, porque a Terra se terá convertido num imenso lar, onde dividir os próprios bens em favor da coletividade será a vocação dos mais bem dotados e a auto-afirmação pelo trabalho e pelo aprendizado será a meta dos menos dotados, irmanados todos pela fraternidade legítima.

Então imperará um novo tipo de valores, definindo a riqueza verdadeira, aguda riqueza que, segundo Jesus, as traças e a ferrugem não corroem nem os ladrões roubam. É o tesouro da Sabedoria e da Virtude.

Este é o caminho, a revolução definitiva para a construção do Reino de Deus na Terra. Uma revolução que não chega a ser nova. Na verdade é tão velha quanto o primeiro homem que um dia cogitou de servir o semelhante. Uma revolução definida por Jesus no ensinamento eterno: “Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles”. (Mateus, cap. 7). Uma revolução que inspirou a máxima basilar de Kardec: “Fora da Caridade não há salvação.”

A nossa participação nessa revolução que visa a educar o Homem, preparando-o para assumir suas responsabilidades diante da Vida, pode exprimir-se no esforço da palavra, na disseminação dos princípios espirituais, alertando as consciências e despertando os corações, desde que não nos esqueçamos de que ensinar é exemplificar e orientar é viver.

Por isso, essencialmente, a melhoria do Mundo começará com a educação de nós mesmos.

## O mesmo engano

Quando se comenta o Drama do Calvário, em que Jesus, o mais puro Espírito que já esteve na Terra, deu o supremo testemunho de fidelidade a Deus, oferecendo aos homens o roteiro da própria redenção, uma figura é sempre abominada: Judas Iscariotes.

A História ainda que lhe fez justiça, porquanto ele não foi simplesmente um desprezível traidor que vendeu seu mestre por dinheiro. Há em seu gesto outras implicações que não justificam o crime, mas nos permitem compreender seu engano, mesmo porque não foi o primeiro nem o último a cometê-lo.

É preciso desfazer-se o equívoco de que a motivação foi de ordem mercenária, trinta moedas de prata, segundo a narrativa evangélica, o equivalente a oitenta cruzeiros. Tratava-se, portanto, de uma quantia insignificante. Muito mais ele poderia desviar, sem riscos e sem expor-se à execração geral, já que, na sua condição de ex-comerciante, era o encarregado da bolsa de economia no colégio apostólico. E se Judas fosse tão mesquinho a ponto de pensar numa traição por dinheiro, seria absurdo conceber que Jesus o admitisse no círculo íntimo.

No livro “Crônicas de Além-Túmulo”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, o Espírito de Humberto de Campos descreve um encontro com o apóstolo e este lhe oferece uma versão diferente.

Como os demais discípulos, Judas admira a profundamente a figura transcendente de Jesus e, mais do que os outros, era um apaixonado por suas ideias socialistas, que se inspiravam na Fraternidade e no Amor. Mas não acreditava que o Mestre tivesse êxito, com sua vocação para a humildade e a mansidão, situado entre os interesses do judaísmo dominante e os dos invasores romanos. A política era a grande arma. Segundo sua convicção, o Evangelho não era um ideal divino a ser realizado individualmente e, sim, um regime social a ser imposto coletivamente.

Planejou, então, uma revolta. Jesus passaria a um plano secundário, e ele, Judas, convocaria colaboradores para uma obra vasta em que seria empregada a força, se necessário, para a consolidação da Boa Nova.

Não poderia imaginar, entretanto, que os acontecimentos tomassem um rumo tão lamentável. Jamais concebera a intenção sinistra dos senhores do Templo nem que Jesus seria abandonado por discípulos, simpatizantes e beneficiários. Dominado pelo remorso, presumiu que o suicídio seria a única maneira de penitenciar-se.

O próprio apóstolo acentua: “O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica, submergi-me em séculos de sofrimento espiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial onde, imitando o Mestre fui traído, vendido e usurpado...”

Este esclarecimento histórico que só o Espiritismo pode oferecer, permite-nos compreender melhor a atitude de Judas e é significativo na época atual, quando identificamos em ideias chamadas “prá-frente”, em vários círculos religiosos, a tendência de se usarem as trucas políticas e o argumento da força para realização dos ideais cristãos. Semelhante fenômeno vem ocorrendo particularmente na América Latina, onde tem sido comum sacerdotes pegarem em armas.

Os que assim procedem também estão traindo a Jesus, embora proclamam agir sob sua inspiração. A Boa Nova não se destina à edificação de efêmeras construções humanas e, sim, à renovação íntima do Homem, considerando-se que o mal do Mundo é apenas o reflexo do mal que há em seu coração e que ninguém jamais iludirá a Lei de Causa e Efeito, que rege o equilíbrio do Universo, segundo a qual a violência apenas gera violência.

Ainda que inteligentes e cultos, os que pretendem encontrar em Jesus a base para movimentos revolucionários que conturbam a ordem e o equilíbrio sociais, não passam de eternos sofistas; apresentam raciocínios atraentes, mas premissas falsas e, como diz Emmanuel, nenhum sofisma conseguirá confundir a clareza e o alcance do “amai-vos uns aos outros”.

Essa a única “violência” que o Evangelho permite: a “violência” do Amor, porque jamais atinge o Homem e, sim o mal que está no coração do Homem.

Pois mais empedernido, grosseiro e miserável que seja o indivíduo comprometido no crime ou no vício, não resistirá indefinidamente à força irresistível do Amor, que se exprime no perdão, na tolerância, na compreensão, na Fraternidade, porque, essencialmente isso é o que todos precisamos, isso é o que todos buscamos.

## Enganosa solução

Camilo Castelo Branco foi, talvez, o maior escritor de Portugal, pelo menos o mais versátil. Escrevia sobre qualquer assunto.

Nascido em 1825, teve vida intensa, sempre voltada para as letras. Publicou dezenas de ensaios, biografias, romances e críticas, imprimindo sempre, em suas narrativas, a marca da genialidade.

Jamais poderia supor que um dia escreveria sobre um dos mais trágicos e lamentáveis problemas humanos: o suicídio. Fã-lo-ia, não à maneira de um observador terrestre que reagisse aos conflitos íntimos e a fraqueza de caráter que levam o indivíduo a atentar contra a própria vida e, sim, como Espírito desencarnado que oferecesse suas próprias experiências.

Camilo foi um suicida. Acometido por um mal dos olhos que o levou à cegueira, julgando-se incapaz de resistir a semelhante provação, matou-se com um tiro no ouvido, aos 65 anos.

Alguns decênios mais tarde, seu Espírito encontrou em Ivone Pereira, dedicada médium espírita, a intérprete de suas impressões para que ele oferecesse aos homens a visão dantesca dos sofrimentos que aguardam o suicida.

É um tema digno da pena do grande Camilo. Somente ele poderia descrever, com riqueza de detalhes e de forma envolvente, o que é a tragédia do suicida, que começa quando ele reconhece, pensamente surpreendido, que seu desejo de fuga não se concretizou. A vida continua, com sofrimentos mil vezes acentuados.

Julgando-se a princípio apenas ferido com o tiro que desfechou contra si mesmo, o Espírito do escritor experimenta dores lancinantes. Parece-lhe estar num leito de hospital, curioso nosocômio onde ninguém lhe dispensa cuidados. Clama por socorro, deseja ver os familiares, mas ninguém lhe dá atenção. A dor o alucina, em seus ouvidos vibra, inextinguível, o som do tiro a torturar-lhe os tímpanos. A suas narinas chega o odor fétido de carne em decomposição. Parece-lhe vir do próprio leito. Após angústias extremas, levanta-se cambaleante, tateia em volta e percebe, horrorizado, dentre as negras trevas que o envolvem, que se encontra num cemitério... Sua cama era apenas um túmulo; a carne em decomposição, o seu próprio cadáver. Foge, apavorado... Perambula pelas ruas e é atraído para o lar. mas ninguém lhe dá atenção... Gargalhadas estridentes, de pessoas que parecem rir de sua situação, o acompanham, aumentando seu desespero... E por mais que vagueie, irresistível força o reconduz ao cemitério...

Depois é envolvido por uma legião de Espíritos de suicidas, e vão todos parar em terrível região do Umbral, denominada “O Vale dos Suicidas”. Camilo procura na Terra um lugar semelhante, que permita aos homens terem uma ideia do que é o vale. Mas não o encontra. Lembra-se do, vale dos leprosos, na antiga Jerusalém, onde eram segregados do convívio social os infelizes portadores de lepra, considerados imundos por seus contemporâneos... E diz:

“O vale dos leprosos, lugar repulsivo da antiga Jerusalém de tantas emocionantes tradições, e que no orbe terráqueo evoca o último grau da abjeção e do sofrimento humano, seria consolador estágio de repouso comparado ao local que tento descrever. Pelo menos, ali existiria solidariedade entre os renegados! Os de sexo diferente chegam mesmo a amar-se! Adotavam-se em boas amizades, irmanando-se no seio da dor para suavizá-la! Criavam a sua sociedade, divertiam-se, prestavam-se favores, dormiam e sonhavam que eram felizes!

Mas no presídio de que vos desejo dar contas nada disso era possível, porque as lágrimas que se choravam ali eram ardentes demais para se permitirem outras atenções que não fossem as derivadas da sua própria intensidade!

No vale dos leprosos havia a magnitude compensadora do Sol para retemperar os corações! Existia o ar fresco das madrugadas com seus orvalhos regeneradores! Poderia o precito ali detido contemplar uma faixa do céu azul... Seguir, com o olhar enternecido, bandos de andorinhas ou de pombos que passassem em revoada!... Ele sonharia — quem sabe? — lenido de amarguras, ao poético clarear do plenilúnio, enamorando-se das cintilações suaves das estrelas que, lá no Inatingível, acenariam para sua desdita, sugerindo-lhe consolações no insulamento a que o forçavam as férreas leis da época!... E, depois, a primavera fecunda voltava, rejuvenecia as plantas para embalsamar com seus perfumes caridosos as correntes de ar que as brisas diariamente tonificavam com outros tantos bálsamos que traziam no seio amorável... E tudo isso era como dádivas celestiais para reconciliá-lo com Deus, fornecendo-lhe tréguas na desgraça!

Mas na caverna onde padei o martírio que me surpreendeu além do túmulo, nada disso havia!

Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que ideia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!

O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados, que nunca se harmonizam! O assombroso “ranger de dentes” da advertência prudente e sábia do Mestre de Nazaré! A blasfêmia acintosa do réprobo a se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos! O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, porque ficou exausto sob o excesso das lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa

aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado na Morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras! O que há é a consciência conflagrada, a Alma ofendida pela imprudência das ações cometidas, a mente revolucionada, as faculdades espirituais envolvidas nas trevas oriundas de si mesma!...”

Camilo fala depois do tratamento que recebeu em instituição socorrista do Plano Espiritual e de generosos benfeitores que o orientaram e ajudaram, preparando-o para novas experiências na Terra, quando enfrentará, em regime de débito agravado, a expiação da cegueira, da qual tentou fugir.

Toda a descrição de Camilo Castelo Branco, registrada no livro “Memórias de um Suicida”, publicado pela Federação Espírita Brasileira, encontra plena confirmação nos princípios da Doutrina Espírita, segundo os quais o suicídio provoca violento trauma perispiritual. Expulso violentamente do corpo que destruiu, o suicida atinge a Espiritualidade empolgado pelas sensações angustiantes da morte física, em terríveis padecimentos. Por uma questão de sintonia psíquica, associa-se a companheiros de infortúnio, para longo confinamento nas regiões umbralinas. Vales como o descrito funcionam, segundo a narrativa, como “câmaras de descompressão”, onde os suicidas esperam que o tempo esgote os desequilíbrios mais acentuados que provocaram em si mesmos... Depois são socorridos por piedosos samaritanos do Além, preparando-se para regressar à Terra, no reencontro com as situações de que pretenderam fugir.

O Espiritismo nos oferece aquela substância de conhecimento que impõe a responsabilidade de viver, e viver bem, conscientes de que colhemos hoje o mal que semeamos ontem, e que, se desejamos um futuro de bênçãos, é preciso que semeamos melhor, sem destruir o arado — o corpo físico que Deus nos oferece por empréstimo — pois, se o fizermos, o campo de nosso destino ficará repleto de espinhos. Então, lembrando a advertência de Jesus, registrada por Camilo, haverá para nós “choro e ranger de dentes”.

## Testemunho diferente

Relata o Capítulo 5<sup>o</sup> de “Atos dos Apóstolos”, livro do Novo Testamento que descreve as atividades iniciais da igreja cristã, que a simpatia de que desfrutavam Simão Pedro e seus companheiros, em Jerusalém, em face do piedoso trabalho que realizavam na Casa do Caminho, despertou a ira dos senhores do Sinédrio, que os prenderam e submeteram ao açoite. Depois os soltaram, ordenando-lhes que nunca mais falassem de Jesus.

Registram os versículos 41 e 42: “E eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e pregar a Jesus, o Cristo.” Dificilmente os políticos e os profissionais da região poderiam compreender tão corajosa atitude! É que os cristãos não estavam atrelados aos interesses do Mundo. Eles defendiam a causa de Deus, sob inspiração do Mestre Sublime, que os sustentava nos mais duros testemunhos. Com Jesus caminhavam, com Jesus trabalhavam, com Jesus sonhavam a construção do Reino Divino, onde todos seriam irmãos, e onde o maior seria sempre o que se fizesse, espontaneamente, servo de todos.

Perseguidos pelos judeus primeiro, depois pelos romanos; torturados, feridos, humilhados e martirizados, conservavam admirável fidelidade aos seus ideais. Viviam num clima altamente espiritualizado, de exaltação da Fé, sem lugar para vacilações ou dúvidas.

Seus lemas bem poderiam ser a dedicação e o sacrifício. Dedicção extremada à sementeira da Fraternidade e do Amor, com a força irresistível do exemplo; sacrifício da própria vida, oferecida em holocausto como testemunho supremo de convicção, quando as forças reacionárias da velha Roma pretenderam eliminar a doutrina nascente com o assassinato coletivo de seus profíntes.

Com o suor da dedicação e o sangue do sacrifício nutriram a árvore nascente do Cristianismo, para que ela se desenvolvesse plena de vigor e esperança, a acenar com novas perspectivas para a Humanidade, em meio à decadente civilização dos céares, que em breve morreria.

A nossa civilização ocidental também apresenta sintomas de decrepitude e estertora-se nas contradições geradas pelo tremendo contraste entre o progresso material que leva o Homem à Lua, e o progresso moral, ainda situado no domínio dos impulsos primitivos.

Como proclama a sabedoria oriental: “O Homem aprendeu a movimentar-se no mar e no ar, mas não aprendeu a andar como Homem.” E onde a Razão deturpada cede ao domínio das paixões; onde a Virtude é desdenhada; onde prevalecem os interesses imediatistas; onde a ânsia de poder, riqueza, conforto e prazer constitui a média das aspirações gerais, o fim está sempre próximo como ocorreu tantas vezes outrora.

Diante das tormentas que se aproximam, o Espiritismo situa-se por vigoroso apelo às consciências para a preservação dos patrimônios espirituais e morais da Humanidade. A semelhança dos primitivos cristãos, os espíritas também são convocados a grandes testemunhos e talvez até mais difíceis, porque não se trata mais de morrer por Jesus e, sim, de conseguir viver com Jesus.

Isto exige autenticidade, capacidade de sermos nós mesmos, de mantermos uma conduta inspirada em convicções legítimas, superando a alienação imposta por uma sociedade de consumo onde os meios de comunicação como a televisão, o cinema, o rádio e a imprensa, colocados a serviço de interesses materialistas, condicionam nossos desejos, nossos prazeres, nosso comportamento.

Diz Erich Fromm, o notável pensador alemão, que o grande perigo que ameaçava o Homem no passado era ele tornar-se escravo, sob imposição dos poderosos e dos tiranos. O grande perigo de nosso tempo — diz ele — é o Homem tornar-se autômato.

E as multidões de hoje, conduzidas como imensos rebanhos, sob indução da propaganda que lhes diz o que comer, o que vestir, como pensar, como amar, procedem como autômatos programados para a mediocridade, incapazes de conceber a existência em termos de aprimoramento moral e espiritual; por isso, não têm condições para participar do banquete do Evangelho, oferecido por Jesus aos que não se alienaram.

Muitos tentam furta-se à condição de autômatos, e isto tem acontecido particularmente com os jovens, mas continuam teleguiados, embora se proclamem livres, pois escolhendo o caminho da rebeldia, inspiram-se, indevidamente, na negação de todos os valores morais, tornando-se, assim, agentes inconscientes das sombras, presas fáceis de hábeis obsessores que os conduzem por tortuosos caminhos de vício, degradação e crime...

Em se tratando de “vida abundante”, segundo a expressão evangélica, superadas as pressões alienatórias do Mundo atual, não há alternativa senão aquela oferecida pelos cristãos primitivos: dedicação e sacrifício.

Dedicação intransferível à causa do Bem, no caminho da Virtude e da Sabedoria, em ritmo de Fraternidade e auto-aprimoramento, para a edificação de um futuro de bênçãos.

Sacrifício de tudo o que satisfaz o Homem perecível, mas não interessa ao Espírito eterno; sacrifício dos programas de televisão, que no estágio atual distraem, mas raramente edificam; sacrifício das conversações inúteis e inconsequentes, onde vicejam, com facilidade, a maledicência e a malícia; sacrifício das tão procuradas horas de lazer, em que damos livre curso às fantasias que nos oprimem; sacrifício de atividades absorventes com as quais procuramos garantir fartura e conforto, mas que significam quase sempre um marca-passos no caminho da Evolução, ensejando tropeços desastrosos.



Nunca superaremos a alienação, nem deixaremos de ser simples autônomos, incapazes de agir senão sob estímulos exteriores, enquanto nossas mãos e nossa mente não estiverem ocupados permanentemente com o melhor, com a vida em termos de Eternidade, considerada a nossa condição de Espíritos em trânsito pela Terra.

E se nos parece demais o impositivo de tal ação sem limites, recordemos Jesus em João, Capítulo 5?, versículo 17: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também.”

## Pernicioso condicionamento

Segundo os padrões usuais, o vício é uma espécie de condicionamento que prende o indivíduo a determinada prática nociva. Para o fumante, por exemplo, o cigarro é uma necessidade tão premente quanto o dormir ou comer, porquanto os elementos constituintes do fumo, principalmente o alcatrão e a nicotina, gerando reações orgânicas condicionais, provocam mal-estar, sempre que desaparecem da circulação sanguínea.

A iniciação no vício é quase sempre um problema de auto-afirmação. Para o adolescente, tirar o cigarro da carteira, levá-lo aos lábios, riscar o fósforo e expelir a primeira baforada, è um ritual que lhe dá segurança e o faz sentir “gente”, principalmente quando está sozinho, em lugar público.

Por isso, suporta corajosamente o gosto amargo e a tentação de tossir. Depois, acostuma-se e chega até a sentir algum prazer. Mas logo vem o condicionamento e o fumo torna-se indispensável. Sem o cigarro, sente-se inquieto, nervoso. Completa-se o ciclo, que começou no desejo de auto-afirmação e terminou na necessidade.

Acresça-se que o vício é também um problema de compensação psicológica, em que o indivíduo procura, mergulhando no domínio das sensações, atender sua fome íntima de paz. Todavia, este é o pior caminho, pois o vício é um deus insaciável, que exige plena submissão dos “fieis”, transformando-os em autênticos escravos

Todo viciado é um “suicida inconsciente”<sup>1</sup> e, ao desencarnar, enfrentará problemas difíceis de adaptação, pois além do condicionamento físico há um condicionamento espiritual. O Espírito do viciado experimenta crises angustiantes, atormentado pela necessidade de álcool, fumo, psicotrópico, tóxico ou qualquer outra viciação cultivada na Terra. Não raro, acabará perseguindo companheiros de infortúnio, a fim de que, por um processo de associação psíquica, experimente as sensações desejadas.

Conhecemos, há tempos, um homem portador de câncer no estômago. Como sentisse muitas dores, começou a usar, sob prescrição médica, doses moderadas de morfina. Após alguns dias, inusitadamente, passou a exigir doses mais elevadas, mostrando-se insaciável. Estranha reação, já que a aplicação da morfina era recente e nem chegara a criar um condicionamento... Mais estranha era sua superexitação — agressivo, nervoso — o que contrariava seu comportamento normal.

Sua esposa, fervorosa e dedicada, certo dia em que o marido se mostrava mais inquieto, ajoelhou-se aos pés da cama e em prantos implorou a proteção do Céu. Qual não foi a surpresa de outros familiares presentes, ao constatar que a ansiedade do marido se transferiu para ela que, embora sem nunca ter usado morfina, sentia irrefreável necessidade da droga! A crise durou várias horas e somente foi debelada com o concurso de passes e orações. Soubemos depois que nosso amigo estava sob a influência de um Espírito viciado em morfina. Quando sua mulher perdeu o controle, médium sensível e indisciplinada que é, sintonizou com a entidade e passou a sofrer sua influência.

Em relação aos alcoólatras, há uma expressão que define bem sua posição diante dos viciados do Plano Espiritual. São “canecos-vivos”. Alcoólatras desencarnados os assediam, estimulando-os à bebida, a fim de que, pelo mesmo processo de associação psíquica, possam satisfazer-se. O álcool, no organismo do viciado, passa por um processo de eterização e é absorvido pelo parceiro invisível. É porque não está bebendo sozinho, que o “caneco” consegue resistir à ingestão de grandes doses de bebida.

O viciado sempre renascerá com limitações físicas. O alcoólatra terá problemas gástricos, fígado debilitado... O fumante terá propensão às moléstias do peito: bronquite, asma, enfisema... O toxicômano ressurgirá com limitações na inteligência e fragilidade nervosa...

Estes males serão não apenas as consequências dos excessos cometidos no passado, mas, sobretudo, recursos de contenção destinados a sofrer as tendências inferiores que desenvolveram no íntimo da personalidade. Serão “muletas” que os ensinarão a caminhar com cuidado, evitando a reincidência.

Um único “vício” nos é lícito e proveitoso cultivar: o “vício” de praticar o Bem, que começa quando procuramos esquecer um pouco de nós mesmos e se consolida quando aprendemos a servir...

Então superaremos em definitivo, a tendência humana de procurar nos vícios da Terra a ilusória satisfação de nossos anseios de paz e conforto, sempre sucedida de inquietações e desequilíbrios.

---

<sup>1</sup> Expressão usada por André Luiz para definir os que abreviam a jornada humana, por cultivarem excessos e desequilíbrios.



## O problema da violência

A ação do livro “Nosso Lar”, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, decorre no período de agressões da Alemanha nazista, que culminou com a Segunda Guerra Mundial.

O autor reporta-se em vários capítulos às preocupações dos Espíritos com o conflito, situação semelhante à pessoas que, residindo no Brasil, na época, tinham familiares na Europa. E descreve a mobilização de trabalhadores do Além para socorrer as vítimas das batalhas e neutralizar pelo menos em parte a influência de forças do Mal, que se assenhoreiam do Homem quando ele mergulha na loucura da guerra.

Um desses abnegados enfermeiros, o ministro Beneyenuto, comenta:

“Nunca, como na guerra, evidencia o Espírito Humano a condição de Alma decaída, apresentando características essencialmente diabólicas-. Vi homens inteligentes e instruídos localizarem, com minuciosa atenção, determinados setores de atividade pacífica, para o que chamam “impactos diretos”. Bombas de alto poder explosivo destroem edifícios pacientemente construídos. Aos fluidos venenosos da metralha, casam-se as emanções pestilentas do ódio e tornam quase impossível qualquer auxílio.”

A expressão “Alma decaída” define bem a condição de rebeldia que caracteriza o comportamento humano, a manifestar-se em ondas de violência coletiva, como numa guerra, ou individual, como num assalto, ofensa ou discussão. A agressividade, a tendência para resolver seus problemas apelando para a força, é bem própria ainda da natureza humana, a evidenciar seu profundo atraso moral.

E hoje, mais do que nunca, prevalece a lei do mais forte, transformada em fator de auto-afirmação para governos e indivíduos, com total desrespeito pela ordem e pelo Direito.

“Quais as causas dessa atual onda de criminalidade, tanto no campo individual como no coletivo?”

A pergunta é feita por Arnold J. Toynbee, considerado um dos maiores historiadores dos tempos modernos. E ele mesmo res-- ponde:

“Talvez a razão fundamental seja a perda da Religião. Deixamos de acreditar nas formas convencionais de religião e não encontramos novas alternativas. Vivemos num vácuo religioso. E, talvez, em grande parte por esse motivo, os padrões tradicionais e os códigos de ética perderam sua força. Esse colapso espiritual surgiu nas duas guerras mundiais, cujos efeitos foram cumulativos. As guerras abriram as comportas da onda de violência que hoje se derrama sobre o Mundo.”

O Homem viveu durante muito tempo preso ao formalismo religioso, à mera frequência às igrejas, como cumprimento de uma obrigação herdada dos pais, submetendo-se às práticas e costumes do que por convicções autênticas. Por isso, na medida em que amadureceu intelectualmente, superando condicionamentos seculares, desligou-se da Religião, simplesmente porque ela já não atende seus anseios e necessidades.

Este fenômeno é observado com maior intensidade nos grandes centros urbanos, onde o indivíduo, motivado pelo desejo de desfrutar conforto e segurança, em base de enriquecimento e prestígio, multiplica-se em negócios e interesses relacionados com dinheiro e poder.

Isto é muito grave, porquanto na medida em que o Homem passa a viver em função exclusivamente de interesses imediatistas, sem nenhuma cogitação de ordem espiritualizante, perde o controle dos impulsos agressivos que ainda o caracterizam, e a violência torna-se a primeira consequência desse vácuo religioso a que se refere Toynbee.

A mesma definição é apresentada por André Luiz quando, procurando explicar o fenômeno da violência, diz, pelo mesmo Benvenuto: “Falta de preparação religiosa. Não basta ao Homem inteligência apurada. E-lhe necessário iluminar os raciocínios para a Vida Eterna.”

Mais do que nunca, em face da conturbação atual, o Homem tem necessidade de uma religião, não em seu sentido formal, o mero comparecimento às igrejas para cumprimento de cultos exteriores, mas como luz que se projete sobre sua mente, dando-lhe um objetivo para a Vida que se estenda além dos efêmeros interesses da Terra, com uma consciência de imortalidade, que não seja apenas uma questão de crença, inspirada na capacidade de aceitação, mas uma certeza apoiada na lógica e na razão.

Não diremos que essa religião é o Espiritismo, porquanto proclamar que a violência somente será eliminada da face da Terra quando todos formos espíritas, seria uma afirmação tão sectária e tola quanto aquela defendida pelos sacerdotes católicos no passado, segundo a qual “fora da Igreja não há salvação”.

Não seremos todos espíritas ou católicos, nem budistas ou protestantes, em futuro próximo ou remoto, porquanto, por muitos séculos teremos Espíritos na Terra em diferentes estágios evolutivos e com diferentes motivações culturais e sociais.

Mas podemos afirmar, com certeza, que a Doutrina Espírita está na vanguarda de todos os movimentos libertadores da consciência humana. E princípios como a Reencarnação e a Lei de Causa e Efeito, que definem a atuação de Leis Divinas que disciplinam a evolução do Espírito, forçosamente serão assimilados por todas as religiões, que não tardarão em cultivar o intercâmbio com o Além, a conversa com os “mortos”, oferecendo, assim, ao Homem, uma substância de conhecimento e uma certeza de continuidade da vida que o motivem suficientemente para que se decida a lutar contra suas tendências inferiores, consciente de que do seu esforço por se melhorar depende sua felicidade.

Quando a contenção da violência deixar de ser um problema policial e se transformar em questão de disciplina do próprio indivíduo; quando a paz for produto não da imposição de leis humanas, mas da observância coletiva das Leis Divinas, então viveremos num Mundo melhor.

## A verdade de cada um

Todas as manifestações de violência, desde a ofensa verbal às loucuras da guerra, tem uma justificativa comum: a defesa de um direito, com base na visão que um indivíduo ou um governo têm da Verdade — a sua verdade.

Lutando por ela, nações agriem-se; revolucionários promovem o terror; aviões despejam toneladas de explosivos sobre populações indefesas...

Em favor dela, as pessoas erguem a voz e desrespeitam-se umas as outras com impropérios e palavrões...

Trabalhando por ela, marido e mulher discutem acaloradamente, esquecendo comezinhas regras de civilidade; o pai impõe restrições absurdas ao filho, violentando seu livre-arbítrio, e este, por sua vez, entrega-se à rebeldia e à indisciplina, comprometendo-se em atos inconsequentes...

Todavia, a violência é sempre o pior caminho, porquanto, em qualquer desentendimento, sempre que nos deixamos dominar pela ira, já teremos deixado de lutar pela Verdade e começado a lutar por mesquinhos interesses pessoais.

E sempre que “arreganhamos os dentes”, caindo na agressividade, que é o argumento dos brutos, sofremos um curto-circuito mental que acaba por levar-nos a desatinos, dos quais fatalmente nos arrependemos. E como encontrar justificativa se, pretendendo defender o que julgamos certo, nos comprometemos em tão errôneo comportamento?

Se estamos realmente empenhados em promover a Verdade, edificando aqueles que nos rodeiam, será contraproducente agredi-los com gestos ou palavras. Jamais conseguiremos convencer alguém se não entrarmos primeiro em seu coração. E a porta do coração não pode ser arrombada. Ela somente se abre ante os apelos do Amor.

Um pai poderá impor determinado comportamento ao seu filho, usando de violência. Mas se o filho observa as disciplinas paternas apenas porque tem medo, quando vencer o temor deixará de observá-las.

Entretanto, se o pai usar a chave certa para entrar no coração do filho, a manifestar-se nos valores da compreensão e do companheirismo, respeitando sua integridade de criatura humana com direito às suas próprias opções, então, fatalmente, o filho acabará por ajustar-se à orientação paterna, não por medo, mas simplesmente porque é impossível resistir aos apelos do Amor.

Por isso, Jesus, o Mensageiro Divino, que poderia apresentar-se revestido da autoridade dos governantes ou do poder dos reis, preferiu a condição de humilde homem do povo, a fim de falar mais intimamente ao coração do Homem. E falou eloquentemente, transformando criaturas pecadoras e frágeis em santos e heróis.

Em Maria de Magdala, a mundana execrada pelo povo, enxergou apenas a jovem sensível, iludida em seus anseios de mulher. E recebendo-a com carinho, sem acusações ou críticas, ajudou-a a transformar-se na seguidora ardorosa e fiel, que seria a mensageira da Ressurreição...

Em Simão Pedro, que O negara três vezes, não obstante os benefícios e as lições recebidas durante três anos de convivência, viu apenas o discípulo traído pelo medo e, sustentando-o em suas vacilações, ajudou-a a transformar-se no baluarte do Cristianismo nascente...

Em Saulo de Tarso, perseguidor cruel que chefiava vasto movimento de combate aos cristãos, observou apenas o defensor intransigente de Moisés, dominado por perigosa fixação, e procurando-o na estrada de Damasco, ajudou-o a transformar-se no grande Paulo, o “Apóstolo dos Gentios” e o maior divulgador de sua Doutrina.

Ninguém, como Jesus, soube demonstrar a excelência do Amor na conversão dos homens ao Bem. Amor que perdoa e socorre, releva e atende, esquece e ampara, fazendo sempre o melhor.

Quando houvermos avaliado inteiramente a força de que dispõe aquele que consegue realizar a plenitude do Amor, então deixaremos a violência de lado, como o aleijado que abandona a precária sustentação das muletas ao descobrir que pode andar.



## O mais importante

“Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?”

R. “Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles vive há mais tempo ou menos tempo e, por conseguinte, tem maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre os Espíritos está no grau de experiência e no uso da vontade, que é o livre- arbítrio. Dai decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A mistura de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência, nos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais; o que um não faz, outro faz; é assim que cada um tem a sua função útil.” (Questão nº 804, de “O Livro dos Espíritos”).

Temos aqui definido o problema das vocações. Do selvagem ao gênio encontramos Espíritos em diferentes estágios evolutivos, motivo pelo qual os mais velhos, com experiências mais amplas, tendem a apresentar maior soma de conhecimentos e aptidões.

Assim, o Espírito, ao reencarnar, situa-se em atividades compatíveis com seu grau de evolução, observada, entretanto, a Lei do Merecimento, que limita nossa inteligência e nossas forças sempre que delas façamos mau uso, estimulando a renovação. O homem altamente intelectualizado, que se comprometeu em crimes, vícios e intrigas, renascerá com cérebro deficiente, em situação constrangedora, que lhe imporá o resgate do passado e uma reformulação de comportamento. É observada também a necessidade de diversificação de experiências, que pode levar o catedrático de hoje a optar, numa reencarnação futura, pela posição de humilde homem do campo.

A Psicologia, que se preocupa com a criação de métodos que permitam definir o problema das vocações, será enriquecida um dia com o conhecimento da Reencarnação e da Lei de Causa e Efeito; compreender-se-á, então, que lavrador, operário, cientista, religioso, escritor, médico e todos os demais, são Espíritos em diferentes graduações de conhecimento e experiência, conduzidos a atividades que guardam estreita relação com sua idade espiritual.

Semelhantes raciocínios representam uma advertência para os pais, no sentido de respeitarem a posição dos filhos, evitando projetar neles seus próprios anseios e recalques, a violentarem sua personalidade. É comum, por exemplo, o homem que foi criado em meio humilde e mal fez o aprendizado das primeiras letras, tendo conseguido com seu trabalho uma posição melhor, raciocina: “Bem, meu filho não será como eu. Terá uma condição melhor. Estudará, frequentará a Universidade, será médico ou engenheiro!”

Na verdade, este homem não está pensando em favorecer a realização do filho diante da sociedade. Está pensando muito mais em sua própria realização, através do filho. E acabará pressionando o menino, levando-o a fazer o que não deseja e para o que não possui vocação, transformando-o num mau profissional.

Logicamente, deve haver da parte dos pais o esforço no sentido de estimular os filhos ao estudo. O desenvolvimento intelectual é uma das asas através das quais alçamos vôo rumo à Perfeição. Mas é preciso agir com habilidade, procurando definir suas tendências, a fim de que possamos ajudá-los a participar de atividades que atendam suas necessidades evolutivas, considerando-se que, se o filho tem vocação para mecânico, é preferível que seja um bom e feliz mecânico a ser um mau e infeliz advogado ou médico.

Que os filhos sejam orientados e estimulados ao aperfeiçoamento intelectual, procurando sempre melhores níveis, mas respeitada a sua condição de seres humanos, dotados de personalidade própria, a fim de que encontrem o seu caminho. Não importa qual seja esse caminho, se o filho será Presidente da República ou pedreiro, porquanto sua felicidade não estará subordinada à posição social que ocupe e, sim, ao fato de estar perfeitamente integrado em experiências que favoreçam a mobilização de suas potencialidades criadoras, dentro de suas possibilidades evolutivas.

Por isso, a principal tarefa dos pais é a de preparar o filho para fazer sempre o melhor, com consciência de dever e senso de responsabilidade como lembra a composição poética de Douglas Malloch:

“Se você não puder ser um pinheiro no topo da colina,  
Seja um arbusto no vale — mas seja O melhor arbusto à margem do regato;  
Seja um ramo, se não puder ser uma árvore,  
Se não puder ser um ramo, seja um pouco de relva E dê alegria a algum caminho;  
Se não puder ser almíscar, seja, então, apenas uma tília,  
Mas a tília mais viva do lago !  
Não podemos ser todos capitães: temos de ser tripulação.  
Há alguma coisa para todos nós aqui.  
Há grandes obras e outras menores a realizar.  
E é a próxima a tarefa que devemos empreender.  
Se você não puder ser uma estrada, seja apenas uma senda.  
Se não puder ser sol, seja uma estrela;  
Não é pelo tamanho que terá êxito ou fracasso,  
Mas seja o melhor, do que quer que você seja.”